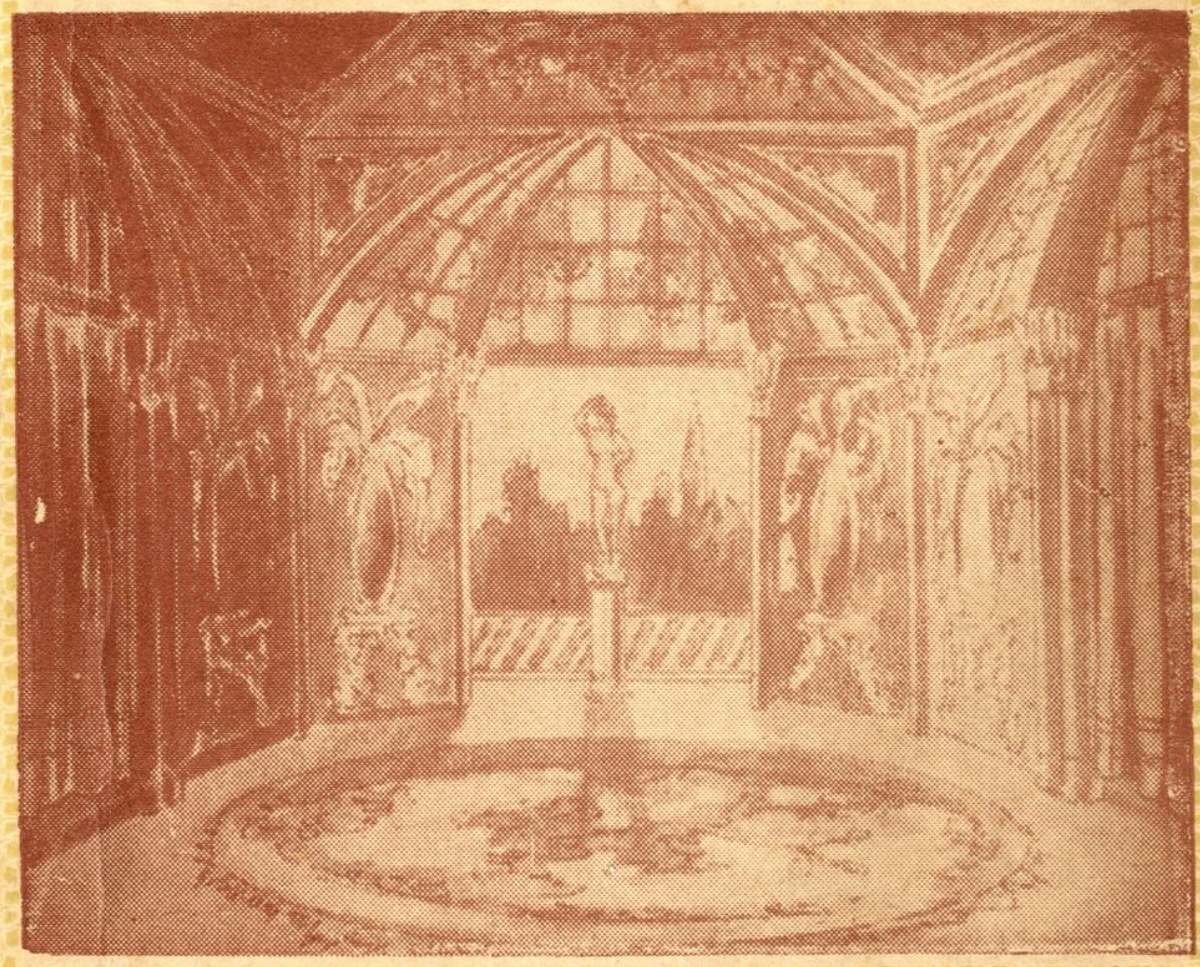
TEATRO BRASILEIRO NO AMAZONAS

Campos Dantas

CULPA DOS PAIS



ALTA COMÉDIA

3 atos divididos em 6 quadros

Foi Altair Zanicotti, diretor proprietàrio do CIRCO TEATRO SHOW, por determinação própria, o herói que pagou esta primeira edição de 500 exemplares. Tal revelação, feita à sua revelia, fere-lhe a modéstia e talvez anule um intuito mais nobre, mas é inevitável, porque o autor da peça, orgulhoso de viver dentro de irremovível precariedade financeira, pensa ser útil respeitar a verdade. Ademais, agrada ao coração pagar os juros de uma dívida no momento de contraí-la...

BIBLIOTECA PARTICULAR DE MARIO YPLEANGA MONTEIRO

GRATIDÃO

1938

CAMPOS DANTAS,—Teatrologo moderno

A arte dramatica no Brasil, nestes ultimos tempos, tem passado por uma verdadeira transformação. Um desejo de exprimir sentimentos reais de nossa paisagem social, — no intuito nobre de corrigir defeitos da civilisação, fervilha nos dramas e comedias do teatro moderno do Brasileiro. O palco perdeu para nós aquela preocupação ôca de copiar o que se realizava na Europa. Desapareceu um pouco a influencia de Antonio José de Araujo, Paula Brito, Manoel Macedo e outros. Parece que tentamos seguir aqueles rumos que foram traçados por Martins Penna e José de Alencar, comediografos que ensaiaram o teatro escola nacional.

O que fazem François Mauriac, Garcia Lorca, na Europa, um grupo de escritores teatrais realiza um trabalho de libertação pela dramatologia brasileira. E' a luta contra a decadencia do teatro contra essa tremenda crise que lhe vem asfixiando a vida e a gloria, para conduzí-lo á morte e aniquilá-lo na sua originalidade e na sua belesa eterna.

O cinema sonoro lhe tem sido algoz impiedoso a vibrar-lhe os golpes mais profundos no seu destino educativo e no seu esplendor de força propulsora que ajuda integrar a civilisação no seu conceito leal, verdadeiro, moralisador.

Mas o teatro triunfará porque tem nobresa que o cinema não possue; porque tem tradição regia e é uma afirmação de vida profunda, enquanto o outro é superficial e escandaloso, em via de regra, asfixiador, parasitico, profundamente burguez, com ares de cousa soezmente liberal.

Um tem fundamento, bases, profundesa, alma, vida espiritual; o outro, foi arrastado pela técnica que absorve toda a vida contemporanea, e arrasado no que podia ter de espiritualidade.

O teatro deu Eschylo, Sophocles, Euripedes, Shakespeare, Goethe, Corneille, Moliére, Racine, Lope de Vega, Edmond Rostand, Bartet, Izadora Ducan, Duse. O cinema deu Bôa Larga, Tom Mix, Bock Jones, Robert Taylor, Myrna Loy, Greta Garbo, o Gordo e o Magro.

Mas, o teatro reage contra a decadencia de seu espírito. Ha pouco assistimos o exemplo e o esforço de Renato Viana, para salvar o teatro nacional.

Agora, no Amazonas, surge Campos Dantas, com o seu trabalho "Culpa dos Paes" que é, para mim, a primeira tentativa séria, entre nós, no sentido creador do ideal artístico que anima o verdadeiro teatro.

Campos Dantas é, portanto, uma expressão do teatro novo, que reaviva, com o seu ensaio social, cheio da psicologia do tempo que passa, o drama e a comedia.

A historia que ele nos conta é uma lição digna de ser meditada, é um reflexo da familia que se deixa dominar pela superficialidade da vida mundana, que corrompe e degrada a espiritualidade da civilisação.

O odio, o ciume, o erro da educação rousseauniana, modernisada por John Dewey, a futilidade do mundanismo, formam o conglomerado do eixo da peça, que sugestivamente reflete os erros da natureza humana acionada pelas paixões.

O drama é uma deflagração contra certos círculos sociais, porisso é teatro de análise. Não vejo outra melhor definição para o anseio de Campos Dantas. Teatro psicologico-soial, em que a observação penetrante e inteligente sonda todas as particularidades do comico e do tragico.

Os personagens amam-se, odeiam-se, traem-se, sofrem, são absorvidos pela angustia do século, vivem num ambiente escuro entre a tragedia e o ridículo, entre o pecado e a dôr. Simbolicamente definindo, a peça é um pôr de sol, um fim de ocaso que mergulha nas sombras de uma tempestade íntima, onde pae e filha maldizem as consequencias de uma educação leviana, sem finalidades cristãs.

Considero o ensaio de Campos Dantas unico no genero, aparecido entre nós, no meu pouco entender. Campos Dantas quer realizar o teatro serio, e, começa, nesse sentido, creando, com vivacidade e graça, uma produção encantadora.

Para Manáos, "Culpa dos Paes" iniciará uma época de renovação teatral.

ANDRÉ DE ARAUJO

(A TARDE, de 4-10-38)

Quadrilatero da 5.ª hora

"CULPA DOS PAIS"

Assisti, hontem, á segunda de "Culpa dos Pais", oferta de Campos Dantas ao teatro nacional.

A psicologia do homem, da mulher e da Vida. Do Homem, em 3 homens: um industrial, que vive para o bôlso; um jornalista, que embolsa do que vive; um pai, síntese de uma época, anormal e tumultuaria. Da Mulher, em 3 mulheres: a espôsa, que sente com o cerebro; a criada, que pensa com o coração; a noiva, que não aparece, mas exprime qualquer coisa de puro e de bom no anonimato em que a lançou o autôr. Da vida, em 3 vidas; o redator-secretario, cirurgião de cabotinismos, de rapida aparição; o reporter, simbolo da analgesía sensacionalista do momento; o revisôr, morrendo aos poucos sobre montes de papeis, para fazer viverem os titeres sociais em letras de fôrma, legvieis e corretas.

Uma linda peça. Digna de um teatro de realismos humanos, um teatro de grandes atôres, um teatro moderno e palpitante.

Campos Dantas teve a felicidade e a inteligencia de vestir o personagem principal com as suas proprias roupas. Ou seja, idealisou para o seu papel, aquilo que ele vive e representa no amplo teatro da vida quotidiana.

E, foi preciso, nítido, fiel, sincero, profundo e brilhante mesmo.

A senhora Campos Dantas foi uma revelação. Temperamento de artista integral, a sua naturalidade comove, os seus gestos sobrios ornamentam-lhe as palavras, a sua emoção transcende aos cimos de uma controlada veterana da ribalta. No seu papel de Tereza, a senhora Elesbão Firmo da Silva, encheu completamente a sua tarefa. Foi viva, inteligente, comica, sugestiva e, por vezes, dona de toda atenção da plateia.

O prof. Paulo Mourão desempenhou bem o seu papel. Teve instantes de pura interpretação sentimental, momentos de comicidade espontanea e simples.

O sr. Oswaldo Antunes esteve melhor nos dois primeiros atos. O seu trabalho foi desenvolvido com consciencia e serenidade, proprias de quem conhece as sutilezas do palco e os gôstos, por vezes esquisitos, das plateias. No terceiro ato faltou-lhe energia, vibração, o patetico, enfim.

O sr. João Liberal não nega que é homem de jornal. A sua a atitude é aquela mesma, encontradiça ás madrugadas dos matutinos, onde a fadiga diaria esmaga a atenção e neutraliza o ritmo nervoso.

O autôr teve talento, no encaixe da cena do sono do revisor, dentro do dramatico encontro dos dois principaes personagens da peça.

Um ponto ficou sombrio: onde andaría o pae da espôsa fujona, para aparecer na redação áquelas horas avançadas? A mulher fugira de casa sem ser percebida por ninguem. O marido voltava do club. O jornalista já se encontrava no jornal. E elle que não morava com a filha, nem com o jornalista, nem frequentava clubes, como surgiu assim, inopinadamente no local do drama?

E' uma pergunta inocente, que em nada furta o brilho e a dramaticidade da excelente peça teatral, mas é necessaria que se faça, a bem de futuras criações, certamente brilhantes, do autôr.

Os complementos do drama foram excepcionaes: bôa sincronização do maestro Donizetti, correta "mise-en-scene" do ensaiador João Braga, e lindissima, primorosa, magistral cenografia do fulgurante Branco Silva.

"Culpa dos Pais" foi uma ruidosa vitoria de Campos Dantas.

Essas as iniciativas dignas de amparo dos poderes publicos. Por varios motivos: gente nossa, talento nosso, material nosso, dinheiro que fica, renome para o Estado no prestigio intelectual dos seus filhos.

Teatro bom, puro, honesto, corajoso, indiferente aos marouços da critiquice boçal, que só enxerga virtudes nas desvirtuadas aventureiras de outras bandas, melhor aquinhoadas e muito menos dignas.

Ramayana 2e CHEVALIER

(A TARDE, de 8-11-38)

Ramayana, Campos Dantas e "CULPA DOS PAIS"

Uma carta do festejado teatrologo cearense

CLOVIS:

Falo a você e a A SELVA.

E' o seguinte:

O Ramayana de Chevalier dignou-se encher o sensacional "Quadrilátero da 5.ª hora", da "A Tarde", de 8, com um belissimo estudo sobre "Culpa dos pais", reprisada domingo, 6.

Valha como realmente verdadeira uma confissão: eu não esperava a comovedora homenagem daquela hora admirável, pois sou, talvez, o que mais duvida e descrê da pobre inteligência que Deus me deu.

A objetiva do cintilante crítico focou, não ha negar, magistralmente, as cênas e a alma de meu drama.

Basta ler o recorte junto.

Mas, longe de envaidecer-me, conquanto seja de fazer espocar de "convencimento" qualquer filaucioso, a crônica luminosa do Ramayana foi, por mim, encarada como oportuna advertência: devo curar mais da estrada percorrida pelo meu espírito.

Imagine só você o profundo alcance, ou antes, o alcance profundo da seguinte pergunta do clínico ilustre:

> "Um ponto ficou sombrio: onde andaria o pai da espôsa fujona, para aparecer na redação áquelas horas avançadas? A mulher fugira de casa, sem ser percebida por ninguem. O marido voltava do clube. O jornalista já se encontrava no jornal. E êle que não morava com a filha, nem com o jornalista, nem frequentava clubes, como surgiu assim, inopinadamente no local do drama?"

A lógica dos argumentos, em torno da pergunta, é, de verdade, de ferro temperado a grande inflexibilidade.

Uma interrogação dolorosa para um autor; quasi sem resposta, mesmo.

Digo quasi porque estou na obrigação de respondê-la, dado que, no fundo, ela é de uma nobreza encantadora.

Mas, o peor, meu caro Clovis, é o péor do caso... A resposta pode parecer frágil, ou mesmo impertinente, e eu, nem de leve, pretendo fazer crêr que estas letras são arrotos de convicção.

Se eu disser, como justificativa, que o pai da espôsa fujona fôra avisado por alguem que a vira sair, cometo a tolice de argumentar com um fáto sem referência na peça. Consequência de uma vigilancia constante, seria recurso banal. O que reputo aceitavel, no labirinto da pergunta do formidavel Ramayana, se resume no seguinte:

O pai da espôsa fujona, justamente pela sua condição de viúvo, tinha direito, como qualquer mortal, de andar por lugares inconfessáveis em horas avançadas... Sua subida á redação, nada mais que traição do inconciente. Sua presença no "local do drama", simplesmente capricho do destino. O dedo de Deus assim traçara as cousas na areia...

Não estou falando em questão de técnica palpável. Jogo nas deduções do convencionalismo do teátro, para poder subir ao cimo em que se colocou a "inocente" pergunta, digna, por todos os motivos, de absoluta consideração.

Não alterarei, porém, na peça, o importante detalhe, descoberta que espelha o assombroso poder de observação de uma inteligência agudissima.

E se preciso, darei com gôsto a mão á palmatória.

E' só, Clovis.

CAMPOS DANTAS

(30|11|38).

O Theatro Brasileiro em face do Estado Novo

O Theatro, a sublime arte que teve origem na Grecia Antiga, berço da civilização e das bellas artes e cuja cultura remonta a 500 annos antes de Jesus Christo, nos tempos de Schylo o creador das grandes tragedias gregas para o palco — considerado o maior genio humano — quem na epocha teve o apoio decidido de Dyonisio e Lycurgo na lendaria Athenas de Demosthenes, veio atravez do tempo, num crescente progressivo, attingindo os seculos da nova geração, chegando aos nossos dias definindo-se e empolgando todas as nações civilizadas, onde sua pratica se fizera sempre com acuidade e carinho. Creara-se o verdadeiro Theatro-Escola, na França, na Italia, na Allemanha, na Noruega, na Russia, e no Egypto, numa demonstração eloquente de comprehensão, apoio, solidariedade e confraternização para com os seus irmãos hellenicos, em torno da sublime litteratura, considerada a mais vibrante e grandiloquente manifestação esthetica, e, em Portugal nos ultimos quarteis do seculo XV, onde Gil Vicente se fez o pae do Theatro Nacional, chegando até a nossa época. E' nessa progressão da arte, que, desfilam verdadeiros mestres da scientifica litteratura, como Aristophanes, Shakespeare, Moliére, Alfiére, Garrett, Ibsen, Augier, Jean Anouith, José de Alencar, Arthur Azevedo, Danunzio e tantos outros nos nossos dias.

* * *

O Theatro Brasileiro ainda muito incipiente, carecendo de amparo do governo central, foi até bem pouco tempo, considerado um mytho fantasioso, cujas demarches para seu soerguimento, mau grado, sempre resultaram frustadas, já por falta do verdadeiro merito, já pelo desamor da nossa gente pelas bellas artes, já pela falta do apoio necessario para a creação e diffusão do Theatro-Escola unica medida capaz de solução satisfatoria. E' bem verdade, que, muitos foram os ensaios para adopção dessa medida e, se por vezes, nos acalentamos com a antevista esperança da victoriosa estabilidade, foi tambem, margem sufficiente, para outras tantas derrocadas, muitas das quaes, precedidas de verdadeiro abandono e deserção da legião dos mais affeiçoados discipulos de José de Alencar e João Caetano.

* * *

O Estado Novo radicou o paiz nos novos rumos e o nosso theatro, ultimamente se bem que ainda não amparado como deve, como que, por um sopro vivificador oriundo do Estado Novo, vem experimentando por ahi afora, novos influxos reivindicadores dos seus reaes meritos e de suas glorias, graças ao dynamismo reconstrutor consciente e acuidade carinhosa que lhe dedica o actual diretor do Theatro Nacional, um grande technico no assumpto, o theatrologo dr. Abadie Farias Rosas, homem de iniciativa e capacidade invulgar alliada á acção fecunda e benefica do dr. Carlos Bittencourt presidente da Sociedade Brasileira de Autores Theatraes, verdadeiros paladinos do theatro moderno no Brasil.

Assim posto, chega até nós a verdadeira concepção concreta, do que é o theatro moderno, personificado em Renato Vianna e seu theatro — outro que desde os albores da juventude se debate pela elevação da consagrada arte — que tanto admiramos ultimamente, e, agora, nos apparece Campos Dntas com o seu novo trabalho "Culpa dos Paes", verdadeira joia, que honra sobre modo o Theatro Nacional e quem num gesto de alta deferencia para commigo, quiz que a analysasse como apreciador da bella litteratura no genero, gesto de que muito me considero honrado, transmittindo-lhe a minha opinião leal e sincera de companheiro, sem retoricas e preoccupações de agradar.

* * *

Campos Dantas, que fez os primeiros ensaios na divina arte de Schylo e José de Alencar, em meados de 1920, dando-nos até hoje, varias pecas que tiveram larga representação e grande repercussão atravez do nosso paiz, vem de se revelar agora, num genero especialisado, o verdadeiro theatrologo moderno e consciente.

"Culpa dos Paes" é uma obra de grande imaginação e emotividade, encerrando no seu todo uma historia de amor dos

nossos dias, que, a par de sua fortissima dramaticidade, empolga, commove, attráe e faz rir ao mesmo tempo, com uma bôa dose de estudo social applicada á psychanalise. E' a historia de uma moça cuja indolente condescendencia paterna fizeram-na uma Monica Lerbier do celebre romance de Victor Marguerite. Uma Manon Lescaut nos nossos dias — Roma — que prefere aos verdadeiros ditames do coração o deslumbramento da riqueza, das joias e do luxo social, tornando-se a esposa de um millionario industrial que tanto possue de milhões como de deslustres intellectual socio-domestico, abrigando depois um arrependimento tardio que a leva ao ápice do desespero, onde vemos a verdadeira construcção, destruição e nova reconstrucção de mundos intimos que nos deixam verdadeiramente impressionados.

A meu ver, o 3.º acto, culmina pela acção altamente dramatica e suggestiva cujo theatro é a sala modesta de uma redacção de jornal, onde se encerra a peça.

Campos Dantas, mais uma vez victoriou, honrando o theatro brasileiro com esta peça, que pode ser vista e analysada pelo mais acurado observador do theatro-moderno e do theatro-arte.

RIGOBERTO COSTA

("O JORNAL", de 13|10|38)

"CULPA DOS PAIS" foi representada no Teatro Amazonas quatro vezes, a primeira em 15|10|38, pelo elenco do CENTRO DE CULTURA ARTÍSTICA, com a seguinte distribuição:

Terêncio — Prof. Fueth Paulo Mourão.

Roma — Senhora Campos Dantas

Fernando — O autor

Teresa — Senhora Elesbão Firmo da Silva

Inácio — Osvaldo Antunes.

1.º Criado — H. Duarte

2.º Criado — Raimundo F. Mendonça.

Redator-Secretário — João Antonio Garcia.

Reporter — Elesbão Firmo da Silva

Revisor — João Liberal.

"**Mise-en-scene**" de João Braga e João Donizetti — **Senários** de Branco Silva.

1944

CONSAGRAÇÃO

Cada individuo produz de acôrdo com a sua inteligência. Uns impressionam, outros ridicularisam-se. Cada qual com o seu privilégio. A lei divina influe no homem, dando-lhe o destino merecido. A culpa de não saber não é um impulso de nossa vontade e sim uma consequência de motivos ignorados. Há homens preparados nos ambientes das academias dotados de cultura, porém só se manifestam apoiados nos alicerces adquiridos. Não possuem talento, não revelam um espírito creador. São torturados, os sem expontaneidade das vibrações naturais. Outros espelham-se pela sabedoria e pela elevada capacidade mental. São os completos.

Diante de tais argumentos apresenta-se-nos a razão de afirmar: o privilégio da produção intelectual não é monopólio dos chamados doutos ou dos egolatras. O homem simples, apenas favorecido pela fôrça divina, revela-nos cousas incapazes de florescimento nas mentalidades de gabinete. São os gênios, os beneficiados pela inspiração criadora.

* * *

Causou surpresa, estamos certos, o retumbante sucesso da alta comédia do teatrólogo brasileiro Leticio de Campos Dantas, levada á cêna pelos artistas do Circo-Teatro Show, em a noite de 9 do corrente — "Culpa dos Pais". Surpresa para uns e aplausos oferecidos por centenas de nervos agitados, em revolta, contra os chamados erros sociais. O autor penetrou, perfeitamente robustecido de conhecimentos, no sentido psicológico dos acontecimentos humanos, realçando-se um profundo analisador dos disfarces íntimos. A sua peça é, acima de tudo, uma tése a ser meditada para ser compreendida. Campos Dantas está, sem favor, incluído entre os grandes comediógrafos nacionais. Um homem simples, supremamente glorificado pela positiva realidade de seu talento, com o concurso de artistas modestos-grandes na arte de interpretar.

* * *

O Circo-Teatro Show agradou. O desempenho de "Culpa dos Pais" esteve sublime. Nunca assistimos e talvez em parte alguma do Brasil alguem haja assistido uma peça de teatro ser aplaudida, durante toda a sua representação, delirantemente como foi "Culpa dos Pais" em a noite de quinta-feira passada. Os aplausos explodiam, de minuto a minuto, do coração leal da massa empoleirada nas galerias com a adesão de toda a assistência da platéa. Éra a demonstração patente e latente do sentimento das classes anônimas em anupos aos baixos sentimentos causadores do desequilíbrio dos preceitos morais das sociedades. A revolta contra a mentira e o interesse material. O despreso ao sentido egoístico das vaidades pessoais.

* * *

Para tudo concorreu o desempenho do conjunto. Não poderia ser ao contrário. Otacilio, em Terencio esteve á altura de suas responsabilidades, apenas uma pequena vacilação no fim do último áto. Aquele "obrigado, meu Deus" exige mais vibração, mais fôrça. Otacilio exclamou em voz quasi abafada, quando o devia fazer com alma e vigor de expressão para ultimar, dentro do ritmo inicial, o ponto decisivo da peça. Reinaldo deu-nos um jornalista prudente, refletido e conhecedor do metier. Trabalhou com muita naturalidade, pondo em prova uma inteligência apreciavel. Ótimo. Lucila, tem o papel de Roma, maravilhosa. Portou-se magistralmente no sentido interpretativo. Apenas a sua voz prejudicada por uma influência gripal evitou-lhe maior sucesso. Dempsey revelou-se um industrial agitado, nervoso, numa fôrma invulgar. Explêndido. Amalia em coneira, dispensa comentário. Abafou. Querido em o revisor, foi um espetáculo. Esteve extra. Enfim, todos estiveram á altura dos seus méritos. Souberam traduzir, com sentimento artístico, o pensamento do nosso teatrólogo.

Foi a vitória da arte e do talento sob os louros de uma verdadeira consagração popular.

Parabens!

ANTONIO DEJARD MENDONÇA

(A TARDE, de 14-3-44)

Notas Artisticas

CULPA DOS PAIS--Alta comedia de Campos Dantas

Como era de esperar, obteve um sucesso incomum a magistral peça de Campos Dantas, cujo desempenho pelo conjunto do Circo Show, ultrapassou a nossa espectativa.

O luminoso e erudito trabalho do festejado comediógrafo cearense, teve na noite da estréia, uma verdadeira consagração, pois cada cena, cada diálogo, era interrompido com frenéticos aplausos.

Em "Culpa dos Pais", o autor com um vasto conhecimento da vida real, encarou com proficiência todo o panorama da "destruição e construção de mundos íntimos dentro de uma história de amôr que comove, faz pensar e causa riso".

Campos Dantas foi feliz na escolha de seus personagens.

O trabalho da atriz conterranea, Lucila Garcia (Roma), a primeira dama do elenco teatral do Circo Show, foi assombroso, pois, sem afetação: uma naturalidade absoluta constituiu o seu maior sucesso dentre todas as representações que temos assistido.

Rinauro, no papel de jornalista e comediógrafo, esteve nos seus melhores dias, não deixando transparecer a menor falha, e, com impecável galhardia, soube ser o homem honesto e conciente, no respeito de um lar que fenece em pouco tempo, em face da educação paterna.

Dempsey Leite, o admiravel ator que, em "Deus", fez um perfeito sacerdote, deu-nos, em "Culpa dos Pais", um velho rabujento, cheio das "massas", ciumento, mas, em matéria de amor, um verdadeiro coronel de barranco...

Armando Garcia, numa pontinha, assim como Ernani e Querido demonstraram, em seus papeis, perfeito conhecimento da vida de imprensa.

Otacilio, pai de Roma, esteve ótimo, apenas foi mal caracterisado, pois, sendo já bastante idoso, parecia-nos um rapazola de poucos janeiros...

Amalia Querido, teve em Tereza, creada de Roma, o seu maior triunfo, encarnando com muita naturalidade o papel das nossas serviçais de hoje, confiadas, arvoradas, petulantes, como se os patrões fossem méras figuras decorativas.

Campos Dantas está de parabens, porque "Culpa dos Pais" é uma peça que pode figurar no rôl das peças dos mais brilhantes escritores do Brasil.

HEITOR VERIDIANO

(O JORNAL, de 11-3-44).

Novamente vai à cena "CULPA DOS PAIS". Desta vez representada por magnífico elenco dramático de profissionais do Circo Teatro Show. Três representações, a primeira a 9|3|44. Foi a seguinte a distribuição:

Terêncio — Otacilio Madeira
Roma — Lucila Garcia
Fernando — Rinauro Moreira
Teresa — Amalia Fernandes Querido
Inácio — Dempsey Leite
1.º Criado — Marcondes B. Marques
2.º Criado — Oto Henrique Steindorfer.
Redator-Secretário — Armando Garcia
Reporter — Ernani Coutinho
Revisor — Alberto Fernandes Querido

PREFÁCIO

Quando escrevi "RUMO AO CABARET", em 1935, fui dominado pela preocupação de mostrar efeitos. Não examinei as causas. Errei. CULPA DOS PAIS é a melhor penitência de meu espírito. Mas uma penitência feita perante mim mesmo

CAMPOS DANTAS

CULPA DOS PAIS

DESTRUIÇÃO E CONSTRUÇÃO DE MUNDOS ÍNTIMOS, NUMA HISTÓRIA DE AMOR QUE FAZ PENSAR, COMOVE E CAUSA RISO

3 ATOS DIVIDIDOS EM 6 QUADROS

DE

CAMPOS DANTAS (Letício de)

De acôrdo com a Lei, a única autorizada a permitir a representação desta peça é a SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS, em nome do autor.

PERSONAGENS:

Roma

Fernando

Terêncio

Teresa

Inácio

1.º Criado

2.º Criado

Redator-Secretário

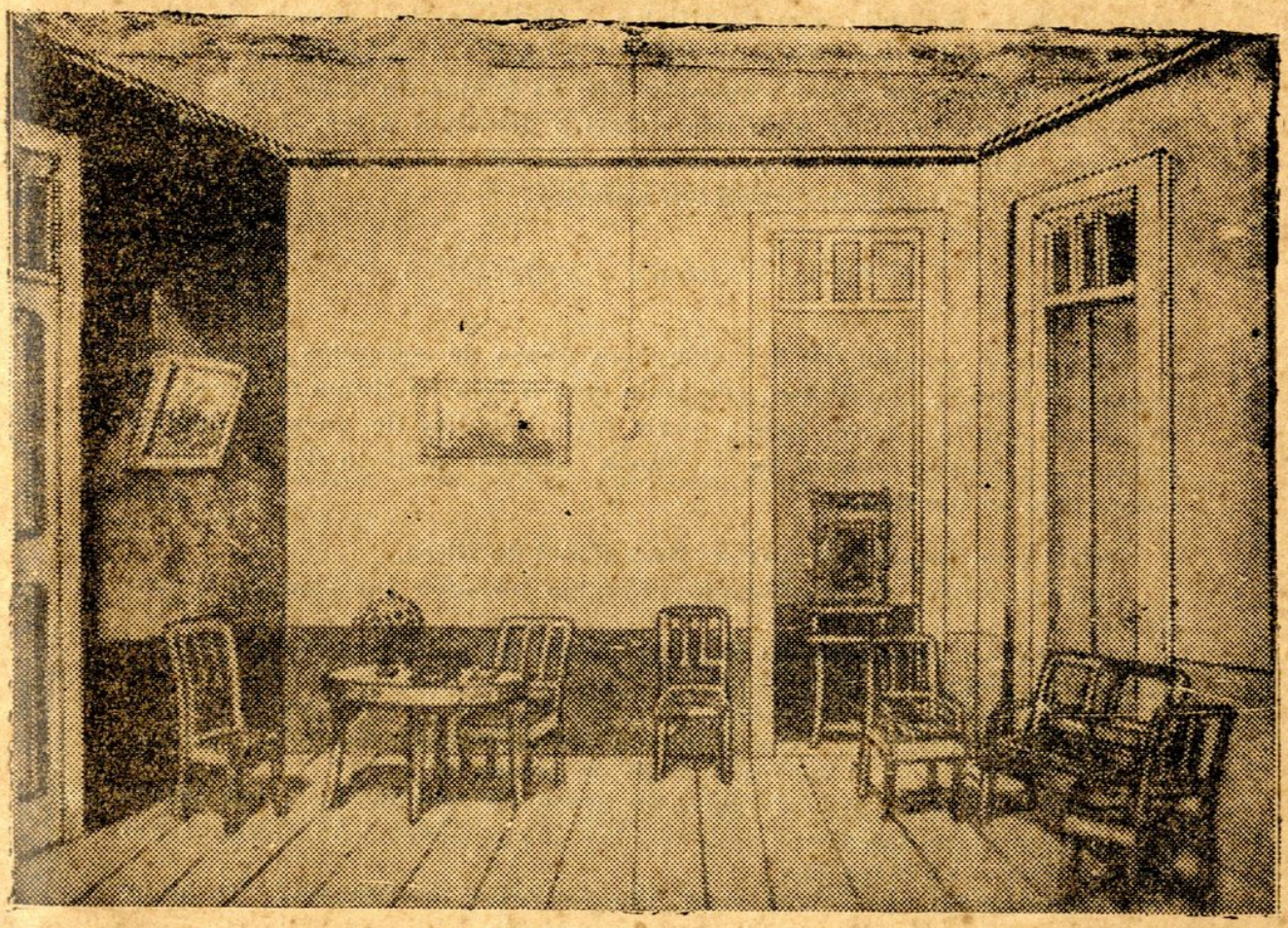
Reporter

Revisor

AS QUALIDADES FÍSICAS E PSICOLÓGICAS DESTES TÍPOS REVELAM-SE NO ENTRÊCHO DA PEÇA. APELEM PARA A IMAGINAÇÃO...

PRIMEIRO ATO

QUADRO PRIMEIRO



CENÁRIO (Desenho de Branco Silva) — Sala de visitas da residência do modesto comerciante Terêncio Guedes Não deve haver exagêro na ornamentação, de conformidade com as modestas possibilidades do dono da casa. São exigidos, porém, em cena, um piano pobre (falso, porque o verdadeiro estará atrás dos bastidores) e um aparelho telefônico, meia mobília e um quebra-luz simples. Cinzeiro!

Funcionam pano de bôca e cortina Esta conservar-se-á cerrada durante alguns instantes após subir o pano. Sincronização logo que sobe

o velário, utilizando-se "Sonho de amor", de Liszt (disco), por meio de um aparelho de rádio ligado a um "Pick-up", sem alto-falante no procênio.

I CENA — TERÊNCIO só

Descerra-se a cortina. A cena está vasia. Penumbra quebrada pela claridade do quebra-luz. A sincronização continua. TERÊNCIO entra do interior da casa, E. ou D., mãos para trás, lentamente. Vai até à porta do F., coloca a mão direita sôbre o interruptor e toda a cena se ilumina (uma só ligação para ribaltas e gambiarras, isolada da do necessaríssimo quebra-luz). Desce ao centro. Procura algo com os olhos, achando sem sacrificios. Trata-se dos jornais do dia. Apanha-os de sôbre um dos móveis, naturalmente a mesinha de centro. Coloca-os debaixo do braço enquanto tira os óculos do bolso para usar, em seguida ao que, abre uma das folhas e principia a ler. Interrompe a leitura, vai à porta do F., coloca a mão sôbre o interruptor e toda a cena volta ao estado de penumbra anterior.

II CENA — ROMA e FERNANDO

Seguiu-se à saida de Terêncio uma pausa de segundos e a sincronização tornou-se pianíssima, cessando com a fala de Roma em cena. A voz desta, muito alegre, faz-se ouvir fóra, seguida de gargalhadas de Fernando. Ambos entram do F. Roma repete o gesto de Terêncio e toda a sala se ilumina.

ROMA — **(Muito alegre)** — Não gostei do filme.

FERNANDO — Interessante. Comigo sucedeu justamente o contrário.

ROMA — **(Sentando-se languidamente no sofá)** — A concepção do autor pareceu-me ridícula!

FERNANDO — Por que?

ROMA — óra!... Um romance de amor todo vaporoso! (Ri).

FERNANDO — E você não gosta de romance?

ROMA — Não. Não é real. Eu gosto da realidade. Êsses lances de supremo afeto das almas apaixonadas não pertencem ao nosso século de tragédias e objetivismo.

FERNANDO — Talvez você não estivesse predisposta. O amor não ficou no passado. Está sempre andando ...

ROMA — Não duvido. Mas êle já deve estar muito fatigado... o pobrezinho.

FERNANDO — Pois aquela cena do jovem par de namorados, no enlêvo de uma confissão grandiosa, empolgou-me todo o sêr. Eu senti qualquer cousa de extranho, assim como a doçura espiritual de uma harmonia celeste. Desejei, com veemência, viver tambem os mesmos instantes de felicidade. Você deve ter notado que eu quasi não respirava ao seu lado...

ROMA — Reparei sim, e fiquei escandalizada.

FERNANDO — E' que meu espírito estava apartado de mim. Havia fugido para o reino da fantasia da tela. Nunca, minha boa amiga, eu me vi tão integrado numa personalidade de sombra. E mais! Conquanto a conciência, de vez em quando, me advirtisse do êrro de deixar-me arrebatar daquela maneira pela ilusão, eu sentia que a realidade do momento, naquele ambiente, quasi não me decepcionava.

ROMA — **(Rindo)** — Perdão!... A realidade era eu e você sentados ao lado um do outro, sem outras consequências.

FERNANDO — **(Um pouco vexado)** — Ah ... Sim ... Desculpe-me... Na tela, os dois eram namorados. Nas cadeiras da platéia, nós éramos...

ROMA — **(Interrompendo amável)** — Dois amigos! **(Ri)** Amigos raros. **(Telefone toca. Roma atende)**: Alô... Quem?... Sim... Sim... Está **(A Fernando)**: E' a você que procuram. **(Deixa o fone fóra do lugar e sobe ao F.)**.

FERNANDO — **(Ao telefone)** — Pronto ... E' êle, sim... Como? Sim... Sim... Está bem... Irei já... Não ha que desculpar... Fêz bem chamar-me. **(Desliga)**. E' da redação de meu jornal. **(Sobe F.)**: Preciso ir lá... Adeus.

ROMA — Adeusinho e muito obrigada.

FERNANDO — De nada. Desculpe a má companhia.

ROMA — Magnífica. Você é um exímio palestrador! **(Fernando sai, fingindo alegria. Roma, uma vez só, senta-se ao piano e executa... qualquer música que fale de sua psicologia. Não será certamente um samba ,valsa ou fox...)**

CORTINA

QUADRO SEGUNDO

O mesmo cenário. E' noite. Não o mesmo dia.

I CENA — ROMA e TERESA

Ao descerrar-se a cortina, Roma vai terminando de executar ao piano a música que tocou no fim do primeiro quadro. Teresa espana os móveis.

TERESA — **(Consigo)** — Essa música está ficando cacete!...

ROMA — **(Abandona o piano logo que termina a música, indo sentar-se preguiçosamente no sofá)** — Que falta eu sinto de um divã... **(Pausa. Noutro tom)**: Sobram-me justas razões de sentir orgulho de meu futuro noivo, — não acha, Teresa?

TERESA — (**Secamente**) — Não acho, não senhora. (**Dando de ombros**): Isso é uma questão de gôsto.

ROMA — (**Erguendo-se, indo a ela, ríspida**) — O que !... Tem audácia de dizer que não acha?!

TERESA — Não é audácia, não senhora. E' franqueza. Franqueza de uma copeira rude, que não sabe mentir para ser agradável.

ROMA — Nem eu preciso dos seus agrados, quaisquer que sejam! Eu sei me conformar comigo mesma. (**Desce**).

TERESA — Melhor. E' um sacrifício a que a senhora me poupa.

ROMA — E' isso! A gente dá liberdade a essa **gentinha** audaciosa! A culpa é minha.

TERESA — Mas eu estou apenas dando uma opinião que a senhora pediu.

ROMA — (**Indignada**) — Retire-se.

TERESA — (**Finge humildade**) — Sim, senhora. (**Vai a sair**).

ROMA — (**Autoritária**) — Venha cá!

TERESA — (**Voltando-se**) — Sim, senhora. (**Aproxima-se**): Aqui estou às suas ordens.

ROMA — (**Curiosa, mas autoritária**) — Por que acha que não tenho razão de orgulhar-me de meu futuro noivo?

TERESA — (**Com uma pontinha de ironia**) — Está disposta a dar confiança à **gentinha** audaciosa?...

ROMA — (**Indignando-se**) — Deixe-se de confiança, sua confiada!!

TERESA — (**Serenissma**) — Sim, senhora. Eu me retiro ... (**Vai a sair**).

ROMA (**Pegando-a pelo braço**) — Venha cá, seu diabo! (**Senta Teresa à fôrça no sofá**): Você está ganhando meu dinheiro para fazer o que eu quiser! (**Teresa começa a rir**): Não ria! (**Teresa aumenta o riso**): Não ria! (**Mais gargalha a empregada**): Não ria!! (**Teresa não se contem e Roma, raivosíssima começa a sacudí-la pelos ombros**) — Não ria, mulher !!!

TERESA — (**Rindo a bom rir**) — A patrôa, zangada, é a coisa mais gosada que eu acho!...

ROMA — (**Dispara a rir tambem**) — Cale a bôca, Teresa !... Respeite-me!...

TERESA — (**Transição rápida**) — Sim, senhora. Estou calada. Não direi mais nem **piu**.

ROMA — Responda: por que não tenho razão no caso de meu noivo?

TERESA — (**Provocante**) — A senhora mandou-me calar a bôca. Estou calada ...

ROMA — (**Ameaçadora**) — Hein ! Está debochando de mim?! (**Furiosa**): Levante-se! (**Teresa obedece**): Está despedida de meus serviços!

TERESA — (**Sem dar importância**) — Sim senhora. Está certo. (**Saindo E.**) Eu sei que não me perco...

ROMA — (**Atalhando-a**) — Venha cá, mulher. (**Reconduzindo-a ao centro da cena**): — Sente-se aí. (**Teresa obedece**) Mas não ria. Fique séria. Não quero gracinhas. (**Sobe naturalmente**).

TERESA — (**Comicamente**) — Perfeitamente. Vou ficar séria. (**Exagera uma cara enfarruscada. Pausa**).

ROMA (**Desce e vai falar, mas nota**) — Que cara de tigre é esta!

TERESA — Cumpro as suas ordens. Estou séria. Séria sou um desastre...

ROMA — (**Querendo intimidar**) — Quer fazer-me chamar o papai para ver as suas gracinhas?

TERESA — Não adianta. A repreensão será contra a senhora, que me dá confiança. Mas, não se zangue, não. (**Carinhosa**): Bem sabe que eu lhe quero um bem danado! (**Abraça e beija Roma com efusão**).

ROMA (**Surpreendida**) — Deixe-se disso, Teresa. Se o papai a visse me abraçando aos beijos, haveria de censurar.

TERESA — E' verdade... Estamos na sala. Lá dentro do quarto, como de costume, é melhor. (**Riem**).

ROMA — Responda minha pergunta.

TERESA — (**Contemplando as próprias mãos**) — Acho que a senhora não tem razão de orgulhar-se do seu futuro noivo pelo seguinte: êle é feio e a senhora não o ama.

ROMA — A feiura dêle não me causa asco nem tédio, devido à sua polidez incomensurável... E' tão delicado!

TERESA — Não causa agora, mas vai causar mais adiante. Aquele camarada, em trajes caseiros, deve ser uma lástima!... (**Riem**).

ROMA — (**Contendo o riso**) — Não creio. Demais, êle é rico! (**Com entusiasmo**): Dinheiro para satisfazer todas as minhas vontades. E que posição social! (**Empolgada por um êxito de elegância imaginário**): Tornar-me-ei a dama mais chique dêste bairro!...

TERESA — (**Irônica**) — Se a senhora acha que ser chique é ser feliz, está certo. (**Sincera**): Cá por mim, eu prefiro meu amor e minha cabana!

ROMA (**Com desprêso**) — Você tem o cérebro povoado de romantismo.

TERESA — (**Intrigada**) — Que é que povoa seu cérebro, dona Roma?

ROMA — (**Com convicção**) — As realidades da vida. (**Transição**): A verdadeira felicidade é a vida com todos os esplendores de luxo. (**Forte**): Joias! Vestidos! Automóveis! Bailes! Cinemas! A satisfação de ser invejada para não sentir inveja da felicidade alheia!

TERESA — (**Atarantada**) — Mas... mas... o amor não entra nisso tudo?

ROMA — Não. Quem ama sofre. Amar é sofrer. O amor fica para depois da felicidade, quando o tédio de ser feliz nos roubar os últimos resquícios de adoração pela vida.

TERESA (**Atordoada**) — Uff!... A senhora tem umas idéias que me deixam tonta! Mas eu repito: comigo é meu amor e minha cabana! (**Noutro tom**): Nem só de luxo vive a mulher.

ROMA — Sim. Mas o luxo arrasta um cortejo de cousas belas da vida. (**Com desdêm**): De que nos vale um Romeu piégas, se o mundo se extende diante de nossos olhos, cheio de surpresas, fértil de encantamentos, empolgante nas suas mil futilidades?

TERESA — Diga-me uma coisa: que diacho pensa a senhora que é a vida de uma criatura nesse mundão que Deus nos deu?

ROMA — Eu?... Eu, propriamente, não penso. Pensar é uma faculdade prejudicial à beleza física da mulher ... Deixo que pensem por mim e aceito os pensamentos que me convêm. Mas, a vida, na opinião do Dr. André Dreyfus, é um acidente na ordem do magnetismo ou da rádioatividade. (**Noutro tom**): Você entendeu?

TERESA — (**Com disfarce**) — Tenho imensa satisfação de dizer ... que não desejo entender! Não entendo mais do que aquilo que eu mesma penso. (**Sincera**): Demais, isso de magnetismo é lá com o mágico do circo.

ROMA — (**Depois de uma gargalhada**) — Então aceite a vida como razão de surpresas, encantamentos e futilidades empolgantes.

TERESA — Pois bem. Eu aceito, porque a senhora faz tanta questão! (**Revoltada**): Mas tudo isso desaparece quando o dinheiro se acaba.

ROMA — (**Procurando convencê-la**): O dinheiro se acaba por fatalidade imprevista ou quando é pouco para o que queremos ... E a falalidade é sempre a quéda de um ideal. O dinheiro que não chega para todos os nossos desejos é pura fatalidade. Mas, não sendo assim, a felicidade segue-nos ao túmulo. Tal não acontece com o amor. A sua morte é um determinismo da sua própria idade avançada ... (**Noutro Tom**): Está me entendendo?

TERESA — Eu não estou entendendo **patavina** !... Mas, se a senhora o diz, deve ser isso mesmo.

ROMA — E', sim! Amar, atualmente? Não. Somente no declínio da vida, porque o entêrro dela e o do amor se farão em um só dia. Enfim, antes ser feliz e não amar, do que ter um amor e viver desgraçada.

TERESA — Não me dou por vencida! (**Revoltada**): Quem foi que viu amor de velho ter graça?! (**Sentenciosa**): Gente velha só serve para comer ... pensar e... dormir!

ROMA — (**Maldosa**) — Amor de velho é o melhor de todos. E' um amor sem dores, sem lágrimas, sem máguas, sem ciumes e sem pecados. E' todo espiritual, para o velho, e magnífico para nós...

TERESA — Mas, diga-me uma cousa: a senhora não gostaria de ter ao seu lado um homem bonito, novo, forte, para dar-lhe beijinhos, etc. e tal?

ROMA — Claro que tenho necessidade disso! Ainda não lhe falei até agora senão em cousas reais da vida. Mas hei de conseguí-lo sem amar...

TERESA — **(Admirada)** — Eu termino maluca de tanto ouvir a senhora dizer cousas que não me entram na cachola, por mais que eu faça fôrça! Como poderá conseguir um homem assim sem amar?!

ROMA — Com dinheiro.

TERESA — **(Num protesto)** — Espere aí! Nem todos os homens se vendem.

ROMA — Até Cristo foi comprado, minha tôla.

TERESA — Não senhora! Está enganada. Jesús não foi homem que se vendesse! Disso eu tenho certeza e por Êle ponho a mão no fôgo.

ROMA **(Rindo)** — Decerto que se não vendeu, venderam-no! Conseguiram Cristo com dinheiro, quanto mais um néscio do século XX.

TERESA — Eu lamento, chego mesmo a ter raiva, por não saber dizer alguma cousa que pudesse contrariar a senhora nesse negócio da compra de Jesús Cristo!

ROMA — E como os homens são feitos à semelhança do Filho de Deus, por muito tempo foram vendidos uns aos outros, ainda depois da trágica morte do Messias. **(Ri)**.

TERESA — **(Interessada)** — Quem lhe afirmou isso, dona Roma?

ROMA — A odisséia do mundo. A História da humanidade. A História do Brasil.

TERESA **(Decepcionada)** — óra ,dona Roma!... **Isso são histórias**. História é história. Muito me admira tambem que, sendo a senhora uma moça experiente, creia em dama que não merece fé!

ROMA — **(Sem compreender)** — Dama que não merece fé? Que dama? Sou eu quem não entende agora!...

TERESA — Essa que a senhora disse. Essa tal de **odisséia**. Com certeza é mulher da vida livre!...

ROMA — **(Depois de gargalhar)** — Você é divinal com a sua mania de entender tudo! **(Sobe F. porque espera alguem)**.

TERESA — **(Pilhérica)** — Obrigada pelo elogio merecido...

ROMA — **(No F.)** — Mas hoje em dia, mercê do progresso geral, não se encontram Cristos para vender por trinta dinheiros. **(Descendo)**: Todos são Judas, e cada um procura auferir lucros com a venda de si próprio.

TERESA — Mas...

ROMA — **(Convincente)** — Todos são inescrupulosos! Todos são escravos das mulheres bonitas. Todos se vendem. **(Mordaz)**: A compra depende, unicamente, do valor intrínseco de cada um. Uns vendem-se por milhões, outros por tostões...

TERESA — Que quer dizer com isso, dona Roma? Não percebo.

ROMA — Apenas que quando eu quiser um homem igual ao que você me falou, — forte, novo, bonito, para me beijar com ardor, — te-lo-ei dentro de uma hora.

TERESA — Depois de casada, — não?

ROMA — Não. Depois de rica. O casamento, sem o dinheiro, não me facilitará isso. Portanto, digo eu: depois de rica!

TERÊNCIO aparece da E. lendo um jornal e sobe ao F. sem ser percebido pelas duas e sem se aperceber muito delas.

TERESA — **(Escandalizada)** — Santo Deus! E se a senhora ficasse rica sem casar?...

ROMA — Minha idéia seria a mesma.

TERESA — "Pucha"!... E, depois, quando casasse, que diria seu marido?!

ROMA — Neste caso não me casaria... Mas, como vou casar-me, minha tola, meu marido vai ser. minha melhor compra, a única que eu farei sem dinheiro: com o valor de mim mesma, e ainda terei saldo! Depois, meu marido será um fundo de reserva para garantir minhas transações pessoais... **(Riem)**.

II CENA — AS MESMAS e TERÊNCIO

TERÊNCIO — **(Admirado, parando de ler)** — Como é isso, minha filha?! **(Desce. Teresa fica inquieta. Roma esboça um sorriso)**.

ROMA — **(Sem alteração)** — Olá, papaizinho! Tem gostado da leitura dos jornais de hoje?

TERÊNCIO — **(Amável)** — Não me consta nem sequer estejas noiva, e já me falas num marido fundo de reserva? Essas idéias fazem parte do teu modernismo?...

ROMA — **(Abraçando- o e rindo)** — São idéias que não passam disso. O senhor não as entende.

TERÊNCIO — E'. Porém não externes tais idéias perto do diretor do hospício... **(Rindo)**: êle poderá julgar-te louca, e meu pesar iria ser de morte...

ROMA — **(Depois de rir)** — Que idéia absurda é a sua, papai! Eu tomada por louca?

TERÊNCIO — **(Meio irônico)** — Não te ofendas. E' outra idéia que não passa de simples idéia... **(Muito sério)**: Eu é que talvez termine louco pelo excesso do teu juizo... **(Desceu e sentou-se, recomeçando a leitura)**.

TERESA **(Consigo)** — Eles se entendem... **(Inventa qualquer serviço para poder ficar ouvindo a conversa. Neste momento faz sinais a Roma, lembrando que ela vai ficar noiva e que deve dizê-lo ao velho Terêncio. Roma não percebe logo os gestos de Teresa, mas, por fim, compreende)**.

ROMA — (**Acariciando os cabelos do pai**) — Papai já sabe?...

TERÊNCIO — O que sei é que não sei cousa alguma do que me perguntas se já sei.

ROMA — Vou ficar noiva hoje! (**Noutro tom**): Que tal? Boa nova?...

TERÊNCIO — (**Sem surpresa**) — Hum... Vais ficar noiva ... Sem m'o dizeres já o adivinhei ... E', (**Olhando o jornal**): Por isso foi que o marôto registrou o teu aniversário, no seu jornal, de um modo espalhafatoso. Que maganão! (**Ri**).

ROMA — (**Sem compreender**) — Quem, papai? Não percebo sua malícia.

TERÊNCIO — Malícia, hein?... (**Ergue-se e abraça-a**): Escovadona... És na verdade a cópia fiel de tua finada mãe em matéria de fingir.

ROMA — Fale claro, papai, sem recordar os mortos.

TERÊNCIO — Já lá iremos... (**Transição, orgulhoso**): — Amanhã completas vinte e dois anos! Teu amiguinho jornalista, numa barretada intencional, apressou-se em noticiar, em primeira mão, o grande evento. Que malandro!... Está aqui no jornal dêle. Está aqui. Olha...

ROMA — (**Secamente**) — Isto implica simplesmente cabotinismo de minha parte. (**Noutro tom**):. Nada mais natural. Dei a entender ao Fernando que não me sentiria mal em ser elogiada no dia de meu natalício.

TERÊNCIO — Sim! Muitíssimo natural. Estamos no século dos elogios do proprio punho. Está muito bem. (**Noutro tom, insinuante**): Eu sou um dos maiores admiradores da capacidade jornalística do Fernando e de seus pendores de teatrólogo ...

ROMA — E depois?...

TERÊNCIO — Creio que andaste acertada. Uma futura noiva não pede. Ordena!

ROMA — (**Escandalizada**) — Futura noiva?!

TERÊNCIO — Sim. Não é com o Fernando que vais ficar noiva?

ROMA — (**Com desdém**) — Ora, papai !... O senhor esté enganado. Para longe essa idéia tola. Eu, noiva do jornalista Fernando Teles?! Uff!...

TERÊNCIO — (**Atoleimado**) — Então vocês não se amam? Pelo menos eu o tenho visto a conversar constantemente contigo, numa franca atitude de namorado.

ROMA — (**Desdenhosissima**) — Papai... Um simples jornalista! Um pauperrimo escritor teatral!... Como o senhor é míope em materia de amor!

TERÊNCIO — E'. (**Suspira desalentado**):. E' a miopia da experiência arcáica em face da mirágem da nova civilização ...

ROMA — Faltam-lhe os óculos do progresso contemporâneo.

TERÊNCIO — **(Sentencioso)** — Nem por isso deixo de enxergar longe as formas nítidas da realidade.

ROMA — Não, papai. E' impossível. O senhor vive de tradições.

TERÊNCIO **(Sincero)** — Fernando possue uma inteligência aprimorada e muita disposição para o trabalho. Além do mais, ama-te. O amor traz riquezas superiores ao ouro!

ROMA — Chi ... Idéias do século dezoito! **(Noutro tom:)** A sorte da fortuna, como bem supremo da vida, surge-nos sem esforços, como uma revelação natural aos predestinados. E se êle me ama, não sei, pois ainda não m'o disse. Supor que eu o amo é fantasia. Palestro com o Fernando constantemente porque me assedia sempre e não é máu palestrador.

TERÊNCIO — Pois eu seria capaz de jurar que estavas apaixonada pelo meu amigo! **(Sobe F.)**.

ROMA — Todas as paixões são como a de Cristo. **(Ri)**: Não quero subir ao calvário...

TERÊNCIO — Que bôbo fui eu!... E que susto e confusão me fazem as tuas aspirações.

ROMA — **(Orgulhosa)** — Já tenho meu preferido, o eleito de minhas aspirações, — não direi dos meus sonhos, porque não sonho acordada, como fazem muitas.

TERÊNCIO **(Com mágua)** — Eu prefereria que sonhasses acordada...

TERESA — E' uma pena não se tratar do senhor Fernando.

TERÊNCIO — **(Irritado, à empregada)** — Hein?! Que liberdade é essa, pequena?!

TERESA — **(Desconcertada)** — E' que... Desculpe. São idéias de copeira. Quem está na escola aprende ...

TERÊNCIO — **(Indignado)** — Retire-se!

TERESA — Sim, senhor... **(Em aparte)**: Só tem energia para mim. **(Sai)**.

TERÊNCIO — **(Que seguiu Teresa até à porta)** — Ora, sim senhor! **(Brando a Roma:)** Pouca liberdade a êsse povo.

III CENA — TERÊNCIO e ROMA

ROMA — **(Protetora)** — Está certo, papai. Deixemo-la em paz. Ela possue a virtude de ser inteligente a audaciosa. Teresa é produto de meu esfôrço. E eu gosto de contemplar minha obra!

TERÊNCIO — Está bem. **(Transição)**: Mas, afinal, quem é o teu preferido, o eleito das tuas aspirações?

ROMA — Vai parecer-lhe extranhável a minha escolha... Meu preferido é o senhor Inácio Gomes Valente!

TERÊNCIO — **(Escandalizado, deixando-se cair numa cadeira)** — Como?!.. O industrial?!...

Roma — Perfeitamente. **(Com entusiasmo)**: O industrial! **(Noutro tom)**: Vem hoje aqui me pedir em casamento. Já o autorizei a fazê-lo.

TERÊNCIO — Deixa de brincadeira...

ROMA — Não estou brincando, papai. **(Noutro tom)**: Uma semana de olhares significativos... Algumas palavras puramente práticas e o entendimento final.

TERÊNCIO — **(Erguendo-se aflito)** — Mas menina! Tu deixas o Fernando, moço culto e sensato, por um milionário imbecil e velho?! Eu endoideço!...

ROMA — Não ha razão.

TERÊNCIO — Como não há? Pois se minha será toda a culpa do mal que te ocasionar êsse êrro! Que direi depois a mim mesmo?

ROMA — **(Enérgica)** — Até hoje sempre o livrei de sentimentos de culpa. Consequentemente, posso escolher, creio. Tenho vinte e dois anos, papai.

TERÊNCIO — **(Acabrunhado)** — Sim... podes... E', porém, uma escolha infeliz, que peca pelo absurdo.

ROMA — **(Sisuda)** — O senhor não pretende opor-se, provavelmente.

TERÊNCIO — **(Vencido, voltando a sentar-se)** —Bem sei que seria inutil. Mas tentar demover-te dêsse propósito perigoso é o que...

INÁCIO — **(Aparecendo no F)** —Boa nojte!...

IV CENA — ROMA, INÁCIO e TERÊNCIO

ROMA — **(Um pouco confusa)** —Olá!... Boa noite. **(Ao pai)**: Prudência, papai!

TERÊNCIO — **(Contrafeito)** — Pode entrar !... **(Ergue-se)**.

ROMA — A casa é sua!...

INÁCIO — **(Descendo, profundamente delicado, no seu ridículo com ares de importancia)** — Muito obrigado !... Muito obrigadinho !... Eu vou entrando ... Já entrei, aliás. Não me fiz anunciar porque tive autorização da senhorita ...

ROMA — Bem, quero apresentá-lo ao papai. **(Apresentando)**: — Senhor Inácio Gomes Valente.

TERÊNCIO — **(Interrompendo-a)** — Não, não, não é preciso, minha filha. Os homens do comércio sempre são conhecidos ! Sempre se conhecem !... **(Ri aparvalhadamente e estende a mão ao industrial)**: Como passa, senhor industrial ?...

INÁCIO — **(Entrou com um charuto na bôca e está agora com o mesmo seguro numa das mãos, tendo na outra o chapéu)** Muito obrigado !... Muito obrigadinho !... **(Não pode estender a mão para Terêncio)**: Quero dizer ... Nós mantemos as melhores relações comerciais ... **(A situação é de embaraço, o industrial não sabe onde pôr o charuto)**.

TERÊNCIO — **(Ferino)** — O cinzeiro está ali sôbre a mesinha . . .

INÁCIO — **(Encaminha-se ao cinzeiro no qual deita o charuto, deixando o chapéu cair naturalmente sôbre a cadeira ao lado, para logo voltar-se e agradecer)** — Muito obrigado ! . . . Muito obrigadinho !

TERÊNCIO — Não tem de que me agradecer . . .

INÁCIO — Muito obrigado ! . . . Muito obrigadinho.

TERÊNCIO — **(Baixo, a Roma)** — Que imbecil tu arranjaste! . . . **(Roma fulmína-o com um olhar de desafio)**.

ROMA — **(Procurando ser amável, mas ainda sem naturalidade)** — Senhor Inácio, eu não sàbia que se conheciam. **(Noutro tom)**: Mas sente-se ! . . .

INÁCIO — Muito obrigado ! . . . Muito obrigadinho ! . . . **(Senta-se, mas sente logo que está sentado sôbre seu chapéu . . . Disfarçadamente mete a mão por baixo das nádegas e puxa o chapéu, pondo-o sôbre a mesinha ao seu lado. Depois disso diz)**: Se não conhecesse seu pai, não teria ousado . . . **(Ri)**: Sei muito bem escolher minhas indústrias e . . .

ROMA — **(Interrompendo amavelmente, fingida)** — Mas eu não sou indústria ! . . . **(Ri)**.

TERÊNCIO — **(Com muita ironia)** — Neste caso ela está sendo **(olhar reprovativo de Roma)**, involuntariamente, — não é, senhor Inácio ? . . . **(Vai sentar-se ao lado do industrial)**

INÁCIO — Oh! não. Absolutamente. Foi uma imágem das minhas . . . Foi uma imágem das minhas, para dizer que fiz bem . . . Fiz boa escolha!

TERÊNCIO **(Ironizando)** — Muito obrigado ! . . . Muito obrigadinho ! . . . Mas se o senhor fôsse feliz na escolha de suas indústrias como foi com a sua imágem, para dizer bem, já teria falido, não? **(Raiva em Roma)**.

INÁCIO — **(Atrapalhadissimo)** —Perfeitamente . . . Perfeitamente . . . **(Ri)**: O amigo tem razão. O amigo tem toda a razão! **(Roma diz qualquer cousa imperceptível ao ouvido do pai)**.

TERÊNCIO — E' verdade . . . Roma falou-me, ha pouco, sôbre seu desêjo de desposá-la.

INÁCIO — **(Contentissimo)** — Já falou? Oh! muito bem ! . . . Maravilhosamente bem. Foi melhor assim. Foi muito melhor assim para mim. **(Noutro tom)**: E o amigo está de acôrdo?

TERÊNCIO — **(Como quem vai dizer não)** — Eu, francamente . . . **(A mão de Roma, num gesto de domínio, aperta-lhe o ombro neste momento)** Eu, francamente, sinto-me lisonjeado . . .

INÁCIO — **(Cada vez mais alegre)** — E concorda? Dá-me o seu beneplácito? Dá? . . .

ROMA — **(Imperiosa)** — Por que não haveria de dar, senhor Inácio?

TERÊNCIO **(Contrafeito)** — Isso mesmo ! . . . Por que não haveria de dar ? . . . **(Disfarçando a mágua)**: . Minha filha tem plena liberdade de agir. **(Num lamento)**: Lamento, apenas, que o amigo venha

roubar-me tão precioso tesouro: minha única e verdadeira afeição de viuvo.

— ROMA — Como indenização dêsse roubo, no dizer de papai, fica-lhe a certeza de que terei assegurada minha tranquilidade no futuro pela proteção absoluta que encontrarei ao lado do senhor Inácio, quer em vida, quer depois de sua morte. **(Fica a 2).**

TERÊNCIO — Assim o dizes, minha filha.

— ROMA **(Fitando Inácio)** — E assim o será. Estou certa.

INÁCIO — **(Não se cabendo em si de contente)** — Muito obrigado !.. Muito obrigadinho !... **(Levanta-se e passa a 3, ficando Roma a 1 e Terêncio a 2)**: Sinto-me feliz como nunca! **(A Roma)**: Terá minha proteção! Terá! Como não havia de ter?!... **(No auge da alegria)**: Meu sôgro !... Meu amigo e querido sôgro !... **(Beija Terêncio com louco entusiasmo)**.

TERÊNCIO — **(Assustado com a atitude do industrial e erguendo-se esquivo)** — Calma ... **(Passa a 3)**: A noiva é ela...

INÁCIO — Desculpe ... Foi sem querer ... Foi o entusiasmo! Foi o louco entusiasmo que me empolga até às raizes dos cabelos !... **(Vai a beijar Roma e esta recua instintivamente)**: Eu a beijarei depois ... Ha muito tempo ... **(A Terêncio)**: Eu vinha com recêio, confesso. Mas, agora, depois do que ouvi dos seus lábios **(melífluo)** e dos mimosos lábios dela, estou doido de contente! Nem posso controlar minha alegria! **(Roma deve estar junto à mesinha)**.

TERÊNCIO — **(Maldoso)** — Bem se vê ... Deu até para beijar homens! **(Ante o olhar de censura de Roma)**: Sem querer !...

INÁCIO — Muito obrigado !... Muito obrigadinho !... **(Rindo ridículo dirige-se à mesinha onde está o chapéu, afim de apanhá-lo, gesto êste que faz com que Roma novamente recue instintivamente, quando então o industrial lhe diz)**: "E' só o chapéu"... **(A Terêncio)**: Vou já comunicar a meus amigos, a meus fregueses, a meus filhos e respectivas esposas! Dêm-me licença. Adeus. Adeusinho ... Muito obrigado ... Muito obrigadinho... **(A Roma, apaixonado)**: Muito obrigado... Muito obrigadinho !.. **(Vai saindo F e esbarra de cara com Fernando, que vem entrando da rua)**.

V CENA — TERÊNCIO, FERNANDO, INÁCIO e ROMA

TERÊNCIO — **(A Inácio, amargurado)** — Vá! Comunique a todo o mundo! Bote taboletas! Anuncie nos jornais !...

FERNANDO — Para anunciar não tem como meu jornal, ilustre industrial! **(Cumprimenta-o)**.

INÁCIO — **(A queima roupa)** — Está convidado para meu casamento !... **(Vai saindo)**.

FERNANDO — Venha cá, homem de Deus !... **(Inácio volta-se)**: Quem é a noiva? Quero noticiar o noivado!

INÁCIO — Pergunte a meu amigo Terêncio! Muito obrigado!... Muito obrigadinho !.. **(Sai F. rápido)** ..

VI CENA — FERNANDO, TERÊNCIO e ROMA

FERNANDO — **(No centro)** — Boa noite, senhor Terêncio.

TERÊNCIO — Boa noite, ilustre pensador.

FERNANDO — **(Rindo)** —Obrigado. E' excessivo e seu adjetivo, como o é tambem a designação.

TERÊNCIO — Protesto. Estou fazendo justiça.

FERNANDO — **(A Roma)** — Como passa?...

ROMA — Muito bem, obrigada. Estimo que o mesmo lhe suceda.

FERNANDO —**(A Terêncio)**—Quem é a noiva daquele industrial?

TERÊNCIO **(Atônito)** — A noiva daquele industrial ?... A noiva dêle ?... Você deseja mesmo saber quem é?...

FERNANDO — Naturalmente. Para aceitar o convite.

TERÊNCIO — Não aceite, não, sabe ?... Nem queira saber!

FERNANDO — Por que não? Creio que não ha razão.

TERÊNCIO — Franqueza como eu sinto dificuldade em dizer-lhe... Você não acreditará... E' melhor preparar o espirito e o coração. O coração principalmente !...

ROMA — **(Ríspida)** — Não é necessário mistério, papai! **(Noutro tom, a Fernando)**: A noiva sou eu!

FERNANDO — **(Muito surpreso)** — Você?!

ROMA — Eu, sim!

TERÊNCIO — **(Acovardado)** — Com licença. **(Sai E. rápido)**.

VII CENA — FERNANDO e ROMA

(Ha uma pausa. Roma subiu ao F. Fernando no primeiro plano procura controlar seu desespêro).

FERNANDO — **(Maguado)** — Muitas vezes, a significação de milhões de palavras não tem o valor da tonalidade de um simples monossílabo.

ROMA — Que quer dizer ?...

FERNANDO — O tom firme, com que você acaba de afirmar "sou eu," deixou-me estonteado. Foi esmagadora realidade que abateu uma esperança.

ROMA — **(Fingindo incompreensão)** — Esperança ?...

FERNANDO — As suas duas palavras monossilábicas valem por um romance realista!

ROMA — Qual ... Maneira de ver. Mas, por que tamanho acabrunhamento de sua parte? **(Desce)**

FERNANDO — Para que me pergunta? Não tenho razões para acabrunhar-me?!

ROMA — **(Cinicamente)** —Não vejo porque . . .

FERNANDO — Quanta crueldade!

ROMA — Se tem sido tão meu amigo, devia alegrar-se por ver claro meu futuro faustoso. **(Sentando-se junto à mesinha)**: Aliás, bem assegurada minha felicidade.

FERNANDO — Roma, você não tem coração. Como pode falar-me completamente alheia aos antecedentes que vivemos?

ROMA — E' filosofia que você está fazendo ?. . .

FERNANDO — Não zombe! O assunto não comporta "blagues".

ROMA — Mas então, que quer insinuar?! Noto-lhe um tom bastante sentimental . . .

FERNANDO **(Amoroso)** — Roma . . . Seis meses de constante assediamento, milhões e milhões de palavras repassadas de ternura, intencionalmente sinceras, pronunciadas aos seus ouvidos em momentos de emotividade amorosa, e, por fim, minha atitude não bastaram para convencê-la da existência de meu amor?

ROMA — Amor ?! . . . Em você eu sempre vi um amigo desinteressado. Nas suas palavras, nada mais do que arroubos de eloquência de uma inteligência de escól a perambular pelo reino da fantasia. Quanto à sua atitude apaixonada, — confesso, — nunca reparei nela . . .

FERNANDO — A atenção que você me dispensava e o evidente contentamento que sentia quando eu lhe falava dos caprichos de Cupido, não foram apenas convicção de mulher lisonjeada!

ROMA **(Ainda zombeteira)** — Sim. Eu sempre duvidei da sinceridade dos homens! Mas, no seu caso, considerando-o meu verdadeiro amigo, procurei premiar-lhe os méritos ouvindo-o sempre com toda a atenção . . .

FERNANDO — Não! Tudo aquilo concretizava uma promessa de amor. Mas tudo caiu em olvido. Tudo desapareceu com o simples aparecimento dêsse industrial.

ROMA — Eu, quando erro, peço desculpas . . . E você, meu amigo?

FERNANDO — Não tenho de que pedir desculpa. Confesso tão somente meu grande constrangimento, por constatar que você, tão boa que me parecera, é proprietária de um espírito arteiro e mercenário.

ROMA — **(Enraivecendo-se)** — Hein?! **(Ergueu-se)**.

FERNANDO — Você não ama. Vende seu amor por alto preço!

ROMA — **(Indignada)** — Não admito censuras a meus atos!

FERNANDO — Mas . . .

ROMA — **(Exaltadíssima)** — Nenhuma culpa tive de suas errôneas suposições, — ouviu ?! E seja menos grosseiro, porque seu pie-

guismo não o autoriza a tratar-me como lavadeira! (**Sobe e volta-se furiosa**).

FERNANDO — Você é de uma desfaçatez revoltante! Não fuja à evidência dos fatos. Você me despreza porque êle é rico!

ROMA — (**Descendo rápida**) — Irra! Só desprezamos aquilo que já nos interessou! E sabe que mais? Sua mocidade, seu futuro talvez brilhante e sua inteligência não me interessam! Não me prendem! Pelo fato de serem suas idéias iguais às de minha empregada, que prefere um amor e uma cabana, não me assiste o dever de tomá-las em consideração alguma! (**Forte**): Guiu-me pelo meu cérebro!

FERNANDO — Que é um péssimo guia!

ROMA — Caso-me com quem eu escolher e não tenho de que lhe prestar contas! Percebeu, ilustre jornalista ?!

FERNANDO — (**Profundamente maguado**) — Diga mais, Roma. (**Sincronização com a "Serenata de Schubert" — disco —**): Despedace meu coração. Calque aos pés meu grande amor. (**Exaltando-se**): Curve-se à soberania do vil metal! Viva, delire, cresça, embale-se e envolva-se nas malhas dessa absurda concepção de vida! Continue! O caminho que você perlustra é lamacento e íngreme, porém, está ladeado pelas paisagens da cenografia social! Convem para você. Cuspa-me em rosto, se o quiser, todo o seu desdêm pelo meu caráter e condições financeiras que não lhe seduzem! Para a frente, Roma !... Não devo querer que você troque o deslumbramento de uma aspiração satânica pela simplicidade de um lar cheio de bênçãos divinas!

ROMA — Perfeitamente! E' meu gôsto!

FERNANDO — Mas veja bem, Roma. Eu hei de vencer na vida! A glória me virá na espontaneidade da compensação! Meu nome será muito mais brilhante do que o metal de seu marido! Hei de ser feliz, tão feliz que não poderei sentir piedade de você!

ROMA — (**Diabólica**) — Ah!... Ah!... Ah!... (**Gargalhou**): Pobre sonhador que você é! Piedade de mim?! Qual ... Eu busco minha felicidade.

FERNANDO — (**Sempre exaltado**) — Desconheço as razões lógicas que lhe oferecem tal convicção. Também, pouco importa sabê-las. Devem ser oriundas, geradas, procedentes desta sua sapiência inútil, que fez de você uma criatura de aspirações pífias. Comediante!

ROMA — (**Procurando ser zombeteira**) — Estou admirando sua exaltação insultuosa. Se eu sou artista, inclua meu tipo em uma de suas peças ...

FERNANDO — Não posso colocá-la em gráu de equipolência com qualquer artista de palco.

ROMA — Não me ofenderia ...

FERNANDO — Uma artista sabe viver, no palco, a vida de todas as mulheres, sem quebra de sua verdadeira personalidade na vida prática.

ROMA — E eu ?...

FERNANDO — Você vive a chicotear a sua individualidade para ser, na vida prática, o que a artista é, no palco, por mero dever de ofício, em transições de arte.

ROMA — **Perdendo a calma)** — Cuidado com o que diz, seu audacioso!

FERNANDO — Digo o que sinto e sei bem o que digo! Já não me importa parecer-lhe audacioso, ou mesmo estúpido! E se não sinto ódio, é porque a causa não vale o sacrifício desta virtude dos revoltados!

ROMA — Bem se vê que o SENHOR é um revoltado ridículo !!

FERNANDO — E você é a Roma que precisa de carinhos, beijos e amor em toda plenitude, e não esta outra Roma que substituiu tudo isso pelo dinheiro de um velho babão.

(TERÊNCIO entrou atraído pela conversa exaltada a tempo de ouvir):

ROMA — Chega! Retire-se, por bondade!

VIII CENA — OS MESMOS e TERÊNCIO, depois TERÊNCIO e ROMA

TERÊNCIO — **(Repreensivo)** — Minha filha!

ROMA — **(Sem atender ao pai)** — E fique certo de que não me amedrontam os seus vaticínios de namorado em desespêro de causa! Causa perdida!

TERÊNCIO — Que é isso, Roma!

FERNANDO — Veremos quem perdeu a causa!

ROMA — Retire-se!

TERÊNCIO — **(Condoído)** — Fique, meu amigo !...

FERNANDO — **(Brando e maguado ao extremo, fitando seu velho amigo)** — A culpa não é minha, bem vê, meu amigo ... Mas não ficarei. Seria ridículo. **(Depois de lançar um olhar significativo sôbre Roma):** Adeus. **(Sai precipitadamente F. e ao mesmo tempo Roma sobe).**

TERÊNCIO — **(Comprimindo o cérebro com as mãos, num gesto de desespêro)** — Meu Deus, meu Deus! Para onde a pseudo civilização quer levar a minha filha?!

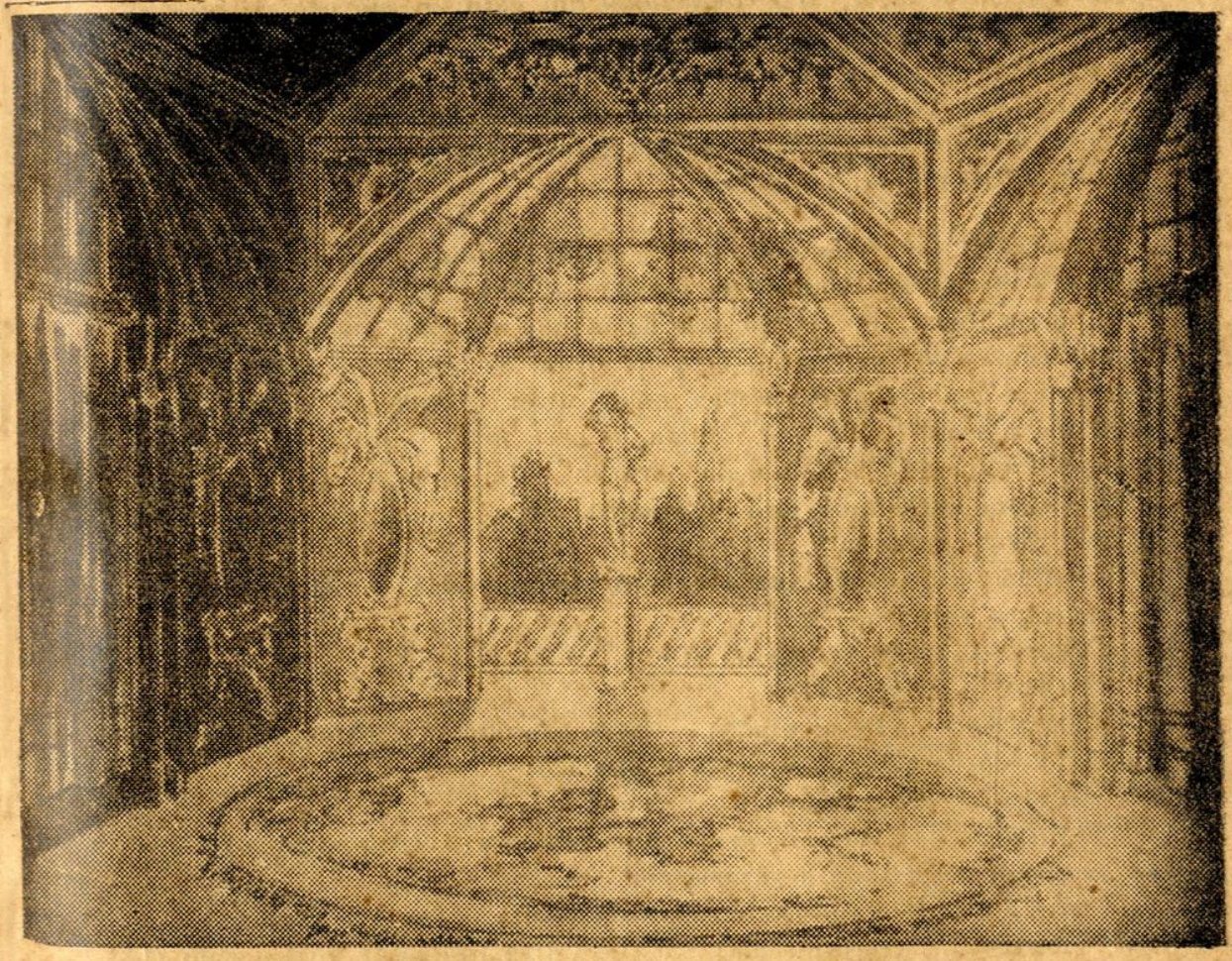
ROMA —**(No F., forte)**— Para a perfeição, meu pai! **(Rindo, num impeto de louco entusiasmo, senta-se ao piano e, sem perceber que o pai enxuga uma lágrima, arranca do teclado fortes notas de uma música triunfal).**

P A N O

Fim do primeiro ato.

SEGUNDO ATO

QUADRO PRIMEIRO



CENÁRIO: (Desenho de Branco Silva) Eis-nos na sala de estar da nova residência de Roma, esposa do grande industrial Inácio Gomes Valente. Imagino um ambiente deslumbrante de luxo, espelhando, em tudo, os requintes de chiquismo gerados pela extranha sensibilidade de Roma. Portas devem existir quantas forem possíveis. Mobília completa, estufada, rica. E' exigido em cena piano de cauda (falso ou verdadeiro, contanto que não falte o verdadeiro atrás dos bastidores, para o maestro tocar quando Roma fizer de conta que toca, caso

não sabia tocar). Não esquecer um cinzeiro em cena. E' dia. Também pode ser noite, segundo o gôsto do cenografo e dos senhores empresários...

Funcionam velário e cortina.

I CENA — ROMA, 1.º CRIADO, 2.º CRIADO e TERESA

Ao levantar do pano a cortina está fechada. Ouvem-se as primeiras notas de uma valsa lenta e triste (Clássico). Pausa sem interrupção da música. Descerra-se a cortina. Roma está tocando ao piano. O 1.º CRIADO entra da E. B., conduzindo um gato ou um cão de raça, e atravessa a cena com elegância, saindo pela D. A. Logo a seguir, o 2.º CRIADO entra da direita baixa (D. B.), com uma carta na mão, e sai para a rua. Roma continua a tocar a valsa Às últimas notas, é atacada de uma crise de pranto. Soluça. Pausa curta. (Esta cena é de importância capital, sr. ensaiador).

TERESA — **(Entrando da E., muito contente, com um jornal na mão e o espanador debaixo do braço)** — Dona Roma! Dona Roma! Veja, dona Roma !... Os jornais da manhã colocam o senhor Fernando acima das núvens! Até o próprio jornal de que é êle inimigo !... Olhe, duas mil e tantas pessoas, quero dizer **(Vendo no jornal)**, mil e tantas pessoas assistiram, ontem, à peça dêle! Aquilo é que é um homem inteligente! Um homem batuta! Um homem HOMEM !... **(Nota agora que Roma está chorando)**: Mas ... Que é isso, dona Roma? Está chorando?

ROMA — **(Levantando a cabeça, desesperada)** — Tem você alguma cousa com isso ?!

TERESA — Não. Mas...

ROMA — Retire-se!

TERESA — **(Desalentada)** — Sim, senhora ... **(Noutro tom)**: E eu vinha tão entusiasmada! **(Vai a sair E.)**.

ROMA — **(Erguendo-se)** — Venha cá!

TERESA — **(voltando-se)** —Sim, senhora. **(Aproxima-se)**: Que é? Já agora perdi todo o entusiasmo !...

ROMA — **(Sentando-se no divã ou sofá)** — Sente-se aqui.

TERESA — **(Desconfiada)** — Aí no divã (ou sofá) ao seu lado ?!

ROMA — Oh! mulher irritante! Aqui mesmo.

TERESA **(Sentando-se)** — Êi... A senhora está hoje de máu humor.

ROMA — Tire a touca da cabeça.

TERESA — Ora essa! Para que, dona Roma?

ROMA — Tire a touca, Teresa!

TERESA — Uma copeira sem touca é como um general à paisana. Confunde-se. Não tem graça.

ROMA — **(Erguendo-se)** —Espera, teimosa! **(Arranca a touca da cabeça de Teresa e joga-a ao chão)**: Tire o avental!

TERESA — **(Conformada)** — Está bem. Eu tiro. **(Ergue-se, tira o avental e apanha a touca)**: Uff !...

ROMA — De hoje em diante, você deixa de ser copeira. **(Sobe)**.

TERESA — **(Surpresa, deixando-se cair no mesmo móvel)** — Vou baixar de categoria ?!...

ROMA — Vai subir.

TERESA — **(Maldosa)** — Certamente não é por merecimento **(ergue-se)**, mas sim por conveniência ...

ROMA — Cale-se! **(Transição)**: Necessito de uma elegante dama de companhia, para acompanhar-me a toda parte, **(raiva)** uma vez que meu marido não me permite sair sosinha! **(Noutro tom)**: Sente-se de novo.

TERESA — **(Irônica)** — Pois não ... **(Senta-se)**: Sosinha, eu me sento sem constrangimento. Mas eu não sei como a senhora não escolheu a posuda Maria. Francamente, dona Roma, eu ainda não consegui decorar os nomes de todos os criados desta casa!

ROMA — **(Raiva)** — Criados! Estou farta de viver prêsa, sabe? Estou fartíssima!

TERESA — E com muita razão. Eu, no seu lugar, já teria lançado o meu protesto!

ROMA — **(Dócil)** — Teresa, você é para mim quasi uma irmã de criação. Olhe: hoje, quero-a por minha cofidente. Tenho que desabafar, senão morro!

TERESA — Não diga isso, dona Roma. Eu não sou gente para confidências. Sou gentinha ... Gentinha audaciosa, segundo seu pensar.

ROMA — Irra! Não discuta!

TERESA — Está direito. Não se zangue. Deixarei de ser o que sou para ser o que a senhora quer que eu seja: confidente da esposa de um industrial !... Ai... ai.. Até me comove tanta honra.

ROMA — Escute, Teresa. Não ironise, sim? Olhe ... Ha oito meses que me casei, para ser feliz, e ainda não conheci a felicidade que eu queria.

TERESA — Não? E' de admirar, dona Roma. Eu creio que era esta a felicidade que a senhora queria ...

ROMA — Já vai você me irritando!

TERESA — **(Dando de ombros)** — Desculpe ...

ROMA — Então não vê que sou infeliz?! Que sou desgraçada?!

TERESA — Não vejo, não senhora. Eu tiro por mim: aqui sou felicíssima!...

ROMA — Estúpida! Não enxerga nada!

TERESA — Enxergo, sim. A senhora é que nem sempre se deixa ver ... Pensa de um jeito e, quando menos a gente espera — bumba! — muda de opinião.

ROMA — Mas Teresa...

TERESA — Aqui, tudo é como a senhora queria. Ha dinheiro para todas as suas vontades. E' a dama mais chique dêsse bairro!...

ROMA — Mas êsse dinheiro, sem a felicidade, em nada me vale.

TERESA — E' o que eu digo! Por isso, os homens dizem que nós mudamos de opinião como mudam êles de camisa! **(Levanta-se)**: A senhora disse-me uma vez que a verdadeira felicidade é a vida com todos os esplendores do luxo — **(Brilhante)** joias, vestidos, bailes e cinemas, "a satisfação de ser invejada para não sentir inveja da felicidade alheia" !... **(Noutro tom)**: óra, aqui tem a senhora tudo isso.

ROMA — **(Desconcertada)** — E', eu disse. Mas a gente não é o que escreve nem o que diz. Eu, por exemplo, sofro na felicidade que procurei ...

TERESA — **(Enfática)** — "Somente sofrem os que amam" — (N. T.) — a senhora o disse! Lembra-se? A senhora não ama, portanto não sofre ... Eu, por exemplo, sou uma felizarda, porque a imito e não amo.

ROMA — **(Depois de um profundo suspiro)** — Eu amo, Teresa. Estou amando muito. **Amo-o** perdidamente!

TERESA — Então, sofre mesmo... **(Noutro tom)**: Mas, neste caso, melhor para seu marido. Quando êle souber, vai ficar tonto de satisfação, cheio de importância ... E com razão: os homens gostam que nós sofremos por êles.

ROMA — **(Aborrecida)** — Não me refiro a meu marido.

TERESA — ôpas !... A cousa agora é outra !...

ROMA — **(ódio)** — Um velho ... Um fumador de charutos ... Um homem que só pensa nos seus negócios ... O carcereiro de minha felicidade ... **(Numa explosão de revolta)**: Não amo êsse industrial rabujento! Detesto-o!...

TERESA — A senhora é bastante franca ...

ROMA — Êle me conserva prêsa, encarcerada, como a princesa da fábula! Não foi para viver na ociosidade e no ostracismo que eu me casei. Meu marido ... Um néscio!

TERESA — Se é a própria esposa quem considera o marido um néscio, o que não dirão dêle as outras mulheres!

ROMA — Que o digam! Pouco me incomoda!

TERESA — De qualquer forma, a senhora está mentindo às suas tradições ...

ROMA — **(Repreensiva)** — Teresa!

TERESA — Calma ... Refiro-me ao seu antigo modo de pensar. Na sua antiga opinião, o amor dos velhos era o melhor de todos, por ser **(poeticamente)** "um amor sem lágrimas, sem dores e sem pecados" ... **(Noutro tom)**: Por que, pois, não ama seu marido? Junte o útil ao agradável, isto é, sofra com as misérias de casa.

ROMA — Estúpida criatura! Não amo o meu marido pelo simples fato de eu ser jóvem! Pelo simples fato de querer um homem moço! Entendeu ?!

TERESA — óra !... A senhora devia ter falado claro ha mais tempo. Agora, vejo satisfeita que ainda é a mesma. Não mentiu às suas tradições. E se assim sucede, nada mais simples: **(Ironia)** faça de seu marido "o melhor fundo de reserva para garantir as suas transações pessoais" ... **(Noutro tom)**: Até nisso a senhora acertou.

ROMA — Estúpida! Mil vezes estúpida! Decorou minhas palavras para m'as jogar em rosto agora.

TERESA — Perdão! Foi a senhora quem me ensinou a ter liberdade de pensamento! Eu sou um produto de seus esforços e da sua dedicação à orfandade ...

ROMA — Saia daqui, ande! **(Passeia nervosa pela sala).**

TERESA — Sim senhora ... **(Saindo lentamente como quem espera uma ordem contrária)**: Eu bem que não queria falar.

ROMA — **(Vendo Teresa a sair)** — Para onde vai você?! Para onde?!

TERESA — **(Voltando-se)** — Francamente! A senhora é a pessoa mais difícil de se compreender. **(Gesticulando com a touca numa das mãos e o espanadar e o avental na outra)**: Vive constantemente a dizer-me, — Vá! Saia! Fique! Venha cá! Suma-se! Uff !...

ROMA — **(Pondo o braço no ombro de Teresa, cordialmente)** — Tenha paciência, Teresa ... Estou em desespêro de causa.

TERESA — E'. E eu é que tenho de pagar o pato? Bem sabe que não sou a causa, nem o pato.

ROMA — Fui estouvada. Enxotei levianamente a minha felicidade. **(Quasi a chorar)**: E vejo que é tardio o arrependimento.

TERESA — Felizmente a senhora reconhece. Eu, porém, ainda desta vez, não tenho culpa.

ROMA — Quando me disse que preferia um amor e uma cabana, estava você coberta de razões.

TERESA — Não! Estava errada. Comigo, hoje em dia, é na lei da liberdade e do dinheiro. Reformei, completamente, minhas idéias !...

ROMA — Volte ao que era, Teresa.

TERESA — Mas isso é um verdadeiro jôgo espiritual do empurra!

ROMA — Para que me servem êste palácio em miniatura, êste luxo todo e essa criadagem,sem um amor veemente?

TERESA — **(Enfática, erguendo o braço como um agitador de massas)** — "O amor fica para depois, quando o tédio de ser feliz nos roubar os últimos resquícios de adoração pela vida" !... **(Rápida, a queima roupa, noutro tom)**: Palavras da senhora!

ROMA — **(Furiosa)** — Maldita memória!

TERESA — **(Impassível)** — Com o seu dinheiro, poderá ter a senhora ao seu lado, "dentro de uma hora", um homem novo e forte, para fazê-la feliz !... **(Noutro tom)**: Ainda são palavras da senhora.

ROMA **(Que, à última palavra de Teresa, lhe tapou a boca com a mão)** — Cale-se! Você é mais perversa do que eu pensava! **(Passeia algum tempo pela sala. Deixa-se cair no sofá ou divã. Chora desesperadamente. Trata-se apenas de um momento de revolta incontida contra os imperativos que a impossibilitam de agir livremente Nada de patetismo. Pausa.)**.

TERESA — **(Num menear de cabeça, com piedade)** — Deixe disso, dona Roma. Alguém pode entrar de repente e vê-la nesse lamentável estado de nervos. Olhe os criados !...

ROMA — Que me importa! Eu quero mesmo que todos saibam quanta desgraça me cerca!

TERESA — Afinal de conta, eu não entendo! Quem é o culpado de tudo isso.

ROMA — Eu mesma. E os fados estão a vingar-se de mim!...

TERESA — Não chore, dona Roma. Faça como eu. Veja: sou uma senhorita máscula! **(Acariciando-a)**: Deixe-se de tolice. A senhora nem parece a mesma de outros tempos.

ROMA — Tenha pena de mim, Teresa ...

TERESA — Eu tenho muita pena da senhora. Tenho. E muita mesmo. Mas nada posso fazer.

ROMA — Engano, Teresa. Você pode fazer muita cousa por mim ...

TERESA — Farei tudo, mas guiada pela senhora.

ROMA — **(Ergue-se e diz confidencial)** — Olhe ... Sem que ninguém veja ou saiba, faça vir aqui o Fernando ...

TERESA — **(Intrigada)** — Que tem êle com o seu caso?

ROMA — Tudo! Quero dizer-lhe que o amo.

TERESA — **(Escandalizada)** — Hein ?! ... A senhora disse que ama o senhor Fernando ?!...

ROMA — Amo, Teresa. Amo-o com delírio! **(Implorando)**: Vá, meu bem. Vá chamá-lo.

TERESA — **(Confusa)** — Mas ... mas ... Minha Nossa Senhora! Eu estou tonta.

ROMA — **(Súplice)** — Vá, Teresa ...

TERESA—**(Com rispidez)**—O senhor Fernando não se prestará a êsse papel de ... de ... eu não sei bem que papel é!

ROMA — **(Numa explosão nervosa)** — Mas eu quero falar-lhe! Quero a sua presença!

TERESA — Êle não virá aqui, dona Roma! E se vier, de nada adiantará, porque o senhor Fernando respeita muito a sua dignidade de casada.

ROMA — Virá, sim. Nem que seja por curiosidade. Aqui, saberei reconquistá-lo ... Vá depressa. Vá, Teresa.

TERESA — óra, dona Roma! Êle já se esqueceu da senhora! Já está até noivo. E que noiva linda !...

ROMA — **(Em nova crise de lágrimas, desta vez de desilusão)** — Oh! meu Deus! **(Deixa-se cair no sofá e soluça)**.

TERESA — Pronto! Agora é que vai ser **gosado**. E viva eu nessa embrulhada toda. **(Noutro tom, amável)**: Não desespere, porque não adianta. Eu vou ver se êle vem até aqui.

ROMA — **(Erguendo-se alegrissima)** — Oh! Muito obrigada, Teresa!

TERESA — O resto é com a senhora. Nas suas transações pessoais, eu não quero aparecer como corretor ...

ROMA — Não tenha susto. Não ha que temer.

TERESA — O que temer ha! Mas eu vou sempre. A redação é aqui perto. **(Vai saindo para a rua e se encontra, de chôfre, com Terêncio, que vem seguido do 2.º Criado. Êste sai incontinente para D. B. Roma, ao ver o pai, enxuga os olhos apressadamente e disfarça)**.

II CENA — TERENCIO, TERESA e ROMA

TERÊNCIO — **(Entregando o chapéu a Teresa)** — Como vais, Teresa?

TERESA — **(Recebendo o chapéu e pondo no lugar competente)** — Bem, muito obrigada.

TERÊNCIO — Olá, minha filha! **(Beija-a na testa)**.

ROMA — Como vai o senhor, papaizinho?

TERESA — **(Muito confusa)** — O senhor precisa de mim ?...

TERÊNCIO — Para que hei de precisar de ti?

TERESA — Então, com licença. Vou ali, a mandado de dona Roma ... **(Sai para a rua)**.

III CENA — TERÊNCIO e ROMA

TERÊNCIO — E teu marido, por onde anda a estas horas?

ROMA — Certamente tratando dos seus negócios.

TERÊNCIO — **(Reparando os olhos de Roma)** — Choraste ?...

ROMA — **(Disfarçando o mais que pode)** — Não, não senhor ... **(Transição)**: — Papai também foi ao teatro ?...

TERÊNCIO — Como não fria? Eu sou um dos maiores admiradorse dêsse grande Fernando!

ROMA — **(Insistindo no assunto)** — Quer dizer que o senhor foi ao teatro ...

TERÊNCIO — **(Com muita vida, sentando-se)** — Fui, já disse. Ah! Que espetáculo imponente! A casa estava à cunha! A assistência era a mais seleta. **(Noutro tom)**: A peça principiou a desenrolar-se num ambiante modesto, igual à casa de teu pai. Que frases! Que filosofia, minha filha! Tratava-se de certa dama, sedenta de dinheiro e refratária

ao amor, que teve a insensatez de desprezar um jóvem jornalista e escritor, que a amava perdidamente, para unir-se a um velhote milionário! Mas, vem o arrependimento tardio, o desespêro de causa, a rebeldia contra os imperativos que a impedem de agir pela própria vontade. O jóvem jornalista, dantes escarnecido e humilhado, passou a ser o objeto dos sonhos e dos pensamentos daquela mulher rica e desgraçada! Êle, entretanto, altivo e brioso, sensato e forte, estava curado de sua mágua e podia zombar daquela que o procurava suplicando uma esmola de amor. E' tarde de mais. **(O autor julga desnecessário colocar qualquer frase nos lábios de Roma, porque seu trabalho é todo fisionômico):** No terceiro ato, vamos encontrar a infeliz viúva, sem um filho para consolá-la, sem um amor puro para ceifar-lhe o tédio, e sem esperança de conseguir um segundo marido que não crescesse os olhos no dinheiro dela. Estava sózinha, prêsa no seu palacete, enquanto em torno girava o Universo de milhões de almas ditosas!

ROMA — **(Não podendo mais resistir ao desespêro)** — Papai !... Pelo amor de Deus, papai !...

TERÊNCIO — **(Surpreendido)** — Que tens, minha filha?

ROMA — **(Chorando)** — O sucesso dêsse homem acabrunha-me, esmága-me, é o suplício maior de minha vida! Eu calquei aos pés o amor do Fernando! Êle jurou que o seu nome haveria de brilhar mais do que o dinheiro de meu marido! Assim está sucedendo! **(Forte):** Fui vencida fragorosamente! Meu amor próprio sofre com êsse golpe! Assiste-me o direito de revolta! Eu sou mulher, meu pai !... Eu sou mulher !... **(Deixa-se cair ajoelhada junto ao pai, que está sentado, e soluça debruçada sôbre o seu joêlho. E' indizivel o espanto de Terêncio. Sincronização fortíssima).**

CORTINA

Fim do primeiro quadro

QUADRO SEGUNDO

O mesmo cenário

I CENA — TERÊNCIO e ROMA

Meia hora depois de findo o primeiro quadro. Roma passeia no segundo plano e ainda soluça. Terêncio mudou de posição. Está sentado, triste.

TERÊNCIO — **(Comovido)** — Não chore mais, minha filha. Você está se torturando ha meia hora e a torturar-me também com os seus soluços.

ROMA — **(Descendo)** — O senhor compreende, papaizinho?

TERÊNCIO — **(Levanta-se)** — Sim ... Fiquei bom da "miopia da experiência arcáica" ... Sem os "óculos do progresso contemporâneo", estou a enxergar muito bem a mirágem da nova civilização ... Parece que fracassaste ... **(Consigo, amargurado)**: A grande culpa dos pais !...

ROMA — **(Tristemente)** — Não seja cruel, papai. Também o senhor repete frases minhas. Compadeça-se de mim.

TERÊNCIO — Ninguém entende vocês mulheres! Quando o Fernando te queria, era "um simples jornalista, um paupérrimo escritor teatral" !... Agora, que não te pode querer, o seu sucesso te esmaga, e apareces como vítima.

ROMA — Mas eu estou arrependida do que fiz, papai !...

TERÊNCIO **(Grave)** — Muito tarde !... Depois de casada, êsse arrependimento implica desmoronamento do teu lar.

Ouve-se fóra altercação entre Inácio e Teresa. Ele encontrou-a de volta da redação de Fernando e está indignado.

ROMA — **(Pressentindo o perigo)** — Jesús, papai !... E' a Teresa com meu marido !...

TERÊNCIO — **(Inquiéto)** — Bem, bem ... Eu me retiro. Vai haver discussão, com certeza. Não me fica bem assistir sem poder falar a favor ou contra ...

ROMA — Fique, papai !... Preciso do senhor agora !...

TERÊNCIO — Não. Voltarei amanhã ... **(Vai saindo F. e estanca, porque Inácio entra como um furacão segurando pelo braço a empregada muito nervosa).**

II CENA — INÁCIO, TERÊNCIO, ROMA e TERESA

INÁCIO — **(Charuto ao canto da bôca, indignado, mas uma indignação que o torna mais ridículo e nunca digno, solta Teresa e brada)** — Que anda esta empregada a fazer sózinha pelas ruas, dona Roma?! **(A Terêncio, rispido)**: Como vai?

TERÊNCIO — **(Rispido)** — Como vou !

INÁCIO — **(A Roma, imperiosamente ridículo)** — Responda, se faz favor, minha mulher!

ROMA — **(Procurando conter a revolta)** — Teresa saiu por ordem minha.

TERESA — **(Aparte, soprando aliviada)** — Uff ...

INÁCIO — **(Positivamente enraivecido, mas integralmente ridí-**

culo) — Mas eu não admito isso! Temos criados para os serviços de rua! **(Em tons que sobem gradativamente)**: Ela é copeira! Copeira! Copeira !!...

TERÊNCIO — **(Confidencial a Teresa)** — Um choque entre o fôgo e o gêlo que se fêz pólvora ...

TERESA — **(Surpresa com a liberdade do pai de Roma, porém irônica)** — Obrigada pela confidência ...

ROMA — **(Pedindo socorro)** — Papai ...

INÁCIO — Não tem papai, nem mamãe! Aqui sou eu e mais ninguém!

TERESA — **(Aparte)** — Que pai molóide !...

INÁCIO — Vamos! Responda, dona Roma! Que foi que a Teresa esteve a fazer nas proximidades da redação do jornal do senhor Fernando Teles ?!

ROMA — Que inferno!

INÁCIO — Quero saber! **(A Teresa)**: E você não poderia dizer, moça ?!

TERESA — Dona Roma ... Um auxílio !...

ROMA — **(Enérgica)** — O senhor, por ventura, exige que eu lhe preste contas de todos os meus atos?! Os mais insignificantes ?!

INÁCIO — Naturalmente! E' estrita obrigação sua prestar-me conta do que faz! A senhora é minha espôsa! Minha espôsa!

TERÊNCIO — **(Timidamente)** — Mas meu caro genro ...

INÁCIO — Não se meta! Não se meta! Aqui nada se fará sem minha ordem! **(A Teresa)**: Isso é também com você, percebeu ?!

TERESA — **(Intencional)** — Está ouvindo bem, dona Roma ?...

ROMA — **(Explodindo)** — Pois bem! Mandei a Teresa chamar o Fernando. Pronto! Quer saber mais ?!

TERÊNCIO — **(Repreensivo)** — Roma !...

INÁCIO — Quero! Quero saber tudo! Quero saber para que mandou chamá-lo !...

TERESA — **(Aflita, em aparte)** — E' agora, Virgem Santa! Estou eu no embrulho !...

INÁCIO — Para que mandou chamar o senhor Fernando Teles, minha esposa ?!

ROMA — Com um milhão de diabos !! Mandei chamá-lo para palestrarmos! Para palestrarmos!

INÁCIO — **(Raivosissímo)** — Hein?! Para palestrarem?!...

TERESA — **(Em aparte)** — Uff! Que alívio...

TERÊNCIO **(Mais tímido ainda)** — Não ha nada de mal nisso ...

INÁCIO — **(Gaguíssimo)** — Ma ... ma... Mas eu não admito homem extranho aqui!

ROMA — O senhor não me deixa sair! Não me leva a parte alguma! Fêz cessarem todas as minhas relações de amizade! Pôe criados a vigiar-me! E' de mais! Eu não posso viver encarcerada! **(Deve estar junto de Teresa ou Teresa ao seu lado).**

INÁCIO — **(Vai gritar, mas sai um falsete)** — Basta! Cale-se!

ROMA — Não me calo, seu velho egoista!

TERESA — **(Confidencial, a Roma)** — Isso! Isso! . . .

ROMA — Quero viver! Quero desfrutar minha mocidade! Quero privar com a elite social!

TERESA — **(Idem)** — E' disso que eu gosto ! . . .

INÁCIO — Se a senhora queria tudo isso, tivesse ficado solteira, com a liberdade que seu pai lhe dava!

ROMA — Solteira ou casada, pouco importa!

INÁCIO — **(Maravilhosamente ridículo)** — Não ! . . . Não me casei para ter mulher que sirva de passa-tempo aos pelintras da sociadade! Dei-lhe todo o luxo que a senhora queria! Mas meu sistema de vida é outro, dona Roma!

ROMA — O senhor não passa de um passadista!

INÁCIO — Passadista ou seja o que fôr, minha esposa é propridade minha, unicamente minha! E que vão às moscas todas as convenções da sociedade banal! Sim. **(Em tons que sobem gradativamente e acabam em falsete)**: Banal! Banal! Banal e banal ! . . .

ROMA — Pois ouça! A sua posse absoluta sôbre mim e o seu desprêzo pela sociedade que prezo vão separar-nos por toda a vida dentro desta casa!

INÁCIO — Pouco me importa! Pouco se me dá que a senhora queira ser apenas uma figura mdramente decorativa em minha casa! Mas será dentro de casa! Aqui! Em meu domínio! Lá fóra só me interesso pelo meu bom nome e pelos grandes negócios! **(Atirou o charuto ao chão com violência . . . Dirige-se ao F., de onde se volta para dizer)**: Exclusivamente !!! **(Sai para a rua)**.

III CENA — ROMA, TERÊNCIO e TERESA

ROMA — **(Abatidíssima)** — Que sorte miserável, papai ! . . .

TERÊNCIO — Minha pobre filha . . .

ROMA — **(Deixando-se cair no sofá ou divã)** — Eu valho menos que os negócios de meu marido ! . . .

TERESA — **(Depois de apanhar o charuto que Inácio atirou ao chão)** — Creio que o patrão é igual ao seu inseparável charuto ! . . . **(Com muito nojo põe o charuto no cinzeiro)**.

ROMA — E minha felicidade, onde eu vou procurá-la agora ?!

TERÊNCIO — **(Grave, mas paternal)** — Não tens o direito de procurar, fóra desta casa, essa felicidade que almejas. **(Comovido)**: És de teu marido. **(Voz embargada)**: Procura suportá-lo . . . **(Afaga-lhe os cabelos e sai F , enxugando os olhos . . Terêncio, meus amigos, Terêncio chora)**.

IV CENA — ROMA e TERESA

ROMA — **(Assim que o pai desaparece, numa trasição, vai ao F. e desce para indagar interessadíssima)** — Dize-me! Dize-me, por Deus: falaste com o Fernando? Êle vem ?!

TERESA — O senhor Fernando viu-me aparecer no tôpo da escada da redação, porém, não me ligou importância. Eu encabulei e tive que dar o fóra em silêncio ...

ROMA — Êle foi assim grosseiro ?!

TERESA — Não é bem grosseria ... **(Venenosa)**: — A noiva dêle estava lá palestrando! ... **(Roma estremece de ciume, de raiva, de despeito e, desesparada, dispara em solusos ao mesmo tempo que se atira ao sofá)** A noiva, o futuro sôgro e a futura sogra. Ouvi falarem em grinalda ! ...

ROMA — Oh! meu Deus ! ...

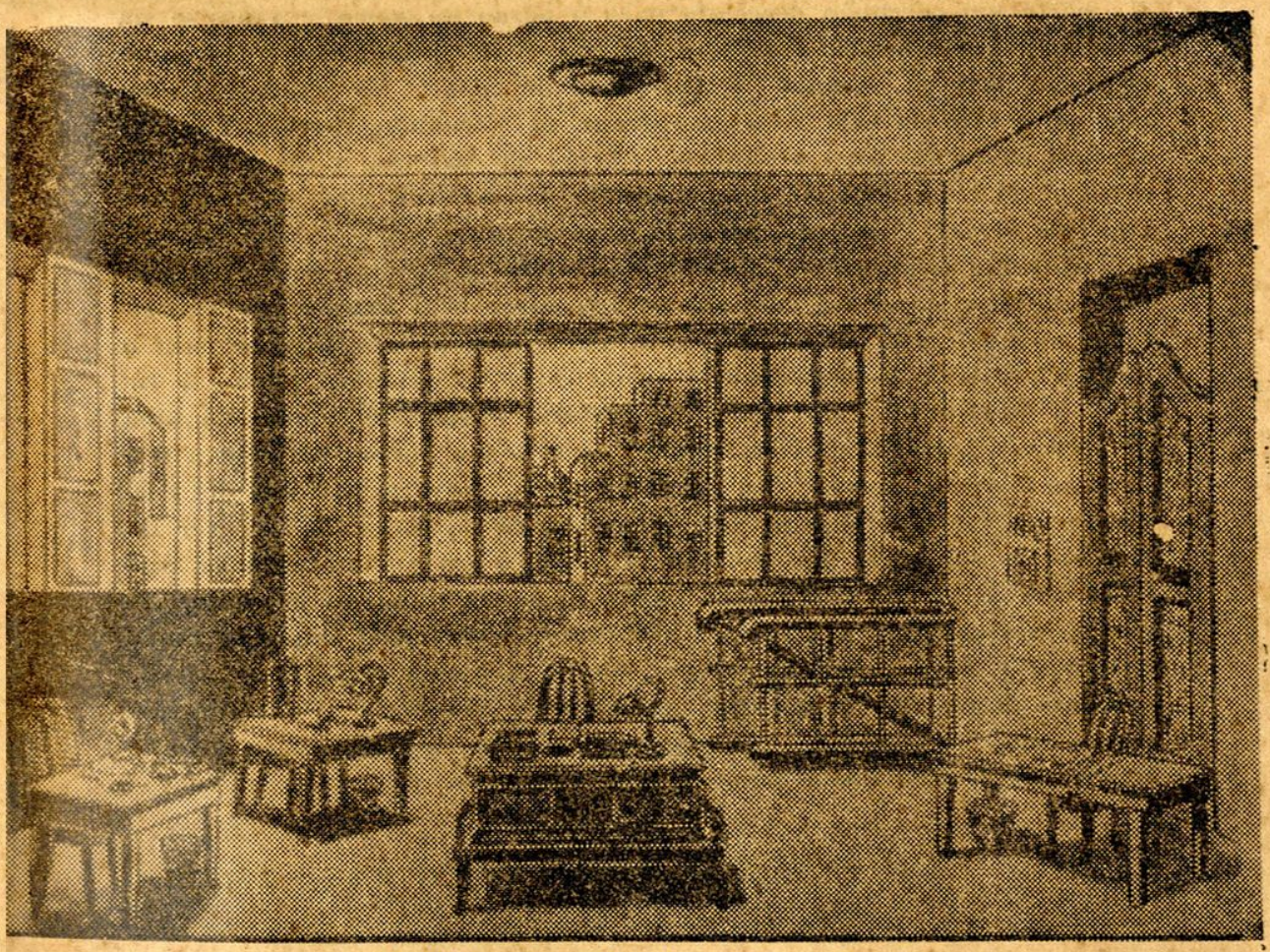
TERESA — **(Forte, grandiosamente)** — Fique certa de uma coisa, dona Roma: no céu, Deus! Na terra, o amor! **(Sincronização forte)**.

PANO

Fim do segundo ato.

TERCEIRO ATO

QUADRO PRIMEIRO



CENARIO (Desenho de Branco Silva):

Sala da redação do jornal de Fernando Teles, instalada no segundo andar de um edifício de cimento armado, esquina de uma rua. Duas janelas envidraçadas à esquerda. Ao fundo, um janelão de igual estilo, suficientemente largo, cuja vidraça é dividida em três partes. As folhas de madeira das janelas laterais, da E., estão abertas para dentro, encostadas à parede, permanecendo suas vidraças fechadas. O janelão não tem folhas de madeira: sua vidraça, cuja parte central

está aberta para fóra ou como convir, é justaposta sôbre vergas de ferro artisticamente dispostas. Como o quadro se passa obrigatoriamente à noite, descortina a visão, em perspectiva, além do espaço aberto no janelão, parte das fachadas iluminadas de alguns prédios, perto e distante, e respectivos telhados. O lateral direito apresenta uma porta, fechada por duas folhas de madeira envidraçadas, dando a entender que se trata da comunicação para as instalações sanitárias. Prêso à ponta de um fio, que pende do tecto (fôrro), um "abat-jour" encobrindo a lampada acesa. Pode ser um "plafonier". Do assoalho, no segundo plano, à direita, meio metro afastado da parede do fundo, ergue-se um gradilho em formato de U, de cujas pontas, voltadas para E., parte um corrimão descendo para o porão do palco. Trata-se da escada de comunicação com o andar têrreo, de grande importância no entrêcho da peça. Vamos à disposição de cena. No segundo plano, bem no centro da sala, está a carteira de Fernando, diretor, que se sentará de frente para o público. Atrás da carteira, a respectiva cadeira e em cima daquela, uma máquina de escrever, tinteiro, caneta e papel de jornal. Ao lado, no chão, uma cesta de papel. Não esquecer um aparelho telefônico e um cinzeiro sôbre a carteira de Fernando. Um sofá de vime estará colocado pela frente e bem junto à carteira citada, no qual terá de deitar-se o Revisor, com a cara voltada para o "Ponto", cabeça apoiada num travesseiro. No primeiro plano, à D., ve-se a escrivaninha do Redator-Secretário e sôbre ela uma máquina de escrever portátil, tinteiro, caneta, papel e um quebra-luz com a respectiva lâmpada acesa. No segundo plano, entre a carteira de Fernando e a escrivaninha do Secretário, estará a mesa de escrever do Reporter e sôbre ela tinteiro, caneta, papel e um quebra-luz cuja lâmpada está acesa. À esquerda baixa, quasi na linha do procênio, vemos a escrivaninha do Revisor e sôbre ela compridas tiras de papel ("provas"), lapis e um quebra-luz com a lâmpada respectiva acesa. Cadeiras detrás das mesas dos auxiliares de Fernando. Duas cadeiras vasias junto ao gradilho. Um calendário na parede com a data e o ano bem vesíveis. Funcionam pano de boca e cortina.

I CENA — SECRETÁRIO, FERNANDO, REPORTER e REVISOR

(Ao subir o pano, a cortina estará fechada. Irrompe a sincronização, forte, utilizando-se disco ("WALKURENRITT", de Wagner). Pausa. Ao descerrar-se a cortina, todos estão sentados em seus respectivos lugares. Não ha pressa em falar. Ha sincronização ... Mais forte do que a sincronização, ouve-se o sino da catedral bater duas horas. Todos têm os palitós enfiados nos espaldares das cadeiras em que estão sentados. O REVISOR, vencido pelo sono, coxila fortemente. O Reporter, parando de escrever, faz uma peteca de papel e, disfarçadamente, para que Fernando não veja, atira-a à cara do Revisor.

Êste se assusta com a pancada, voltando, porém em seguida, a coxilar. A mesma cousa faz o Redator-Secretário. Se não acertarem o alvo, poderão, um de cada vez, levantar-se e ficar atrás de Fernando, atirando daí a peteca e voltando às respectivas carteiras. Riem baixo dos sustos do Revisor. A primeira fala virá quando a música for terminando).

SECRETÁRIO — **(Parando de ler um original)** — Êste discurso não é matéria de interesse coletivo.

FERNANDO — Deite-o na cesta de papeis inúteis. Êsse medalhão é um imbecil !...

SECRETÁRIO — Com muito gôsto! **(Amarrota o original e atira-o à cesta de papeis. Noutro tom):** Por hoje, chega. **(Veste o palitó):** Já li e pus visto nas matérias ficadas para a edição de amanhã.

FERNANDO — Está bem. Vá dormir, para melhor resistir.

SECRETÁRIO — **(A todos)** — Boa noite ... **(Desce a escada, com ou sem chapéu, depois de atirar uma peteca no Revisor ...).**

FERNANDO — **(Ao Reporter)** — E o senhor? Arranjou alguma reportagem que se aproveite?

REPORTER — **(Parando de escrever)** — Acabo de fazer ponto final em uma. **(Veste o palitó):** Já tem o visto do Secretário na primeira folha. **(Coleciona as tiras de papel):** Vou levar já para as oficinas. **(Alegre):** Uma reportagem linda! Um camarada que aplicou dez facadas em outro e por cima lambeu o sangue da faca.

FERNANDO — **(Rindo)** — Com que alegria você diz isso !...

REPORTER — **(Rindo)** — Pudera! O "furo" não foi sopa! **(Noutro tom):** Bem, boa noite ... **(Desce a escada, com ou sem chapéu, depois de atirar uma peteca no Revisor ...).**

II CENA — FERNANDO e REVISOR

(TELEFONE toca. Fernando atende).

FERNANDO — **(Ao telefone)** — Pronto ... E' ... Que ?! ... Mas por que não mandou virar as paginas do suplemento ?! São duas horas da manhã! Como ?... A revisão é que tem a culpa ?... Está bem ... **(Desliga. Dirige-se à escrivaninha do Revisor e dá sôbre ela uma pancada com a mão. Isto faz o Revisor acordar sobresaltado):** Desperte, homem! Está dormindo, rapaz!

REVISOR — **(Atordoado)** — Quem foi que disse que eu ... estava ... dormindo ?... Eu não durmo ... Estava apenas sonhando ... **(Boceja sonolento).**

FERNANDO — Veja se termina a revisão dessas matérias, irra!

REVISOR — Sim, senhor ... **(Esfrega os olhos e principia a rever as "provas", esforçando-se para dominar o sono).**

FERNANDO — (Irritado) — O jornal está atrasado por sua causa!

REVISOR — Não senhor!... A culpa é do so ... **(boceja)** no...

FERNANDO — Olhe a ruma de "provas" na sua banca!

REVISOR — **(Reparando)** — ó diabo !... Não é que eu sonhei ... que havia revisto ... todas elas ... **(Espreguiçando-se)**: O sono ... é sempre assim ... Uma recordação do passado ... **(Sem ânimo, começa a ler as "provas", esfregando sempre os olhos)**.

FERNANDO — **(Com aborrecimento)** — Deixe isso! Eu mesmo farei a revisão sózinho, antes que o jornal saia cheio de "gatos". **(Gestos indicando que o Revisor deve sair da mesa)**.

REVISOR — **(Já de pé, afastado da mesa, muito contente)** — E' ... Êle ontem "miou" um bocadinho ... **(Espreguiça-se)**: —Eu preciso dormir ...

FERNANDO — **(Sentado à mesa do Revisor)** — Afinal de conta, você tem razão para andar coxilando em pé.

REVISOR — Naturalmente. Os colegas adoeceram e eu, ha quatorze dias gramo a revisão sózinho ...

FERNANDO — Deite-se aí no sofá. Não saia, para não ser atropelado dormindo em pé pelas ruas. Pela manhã eu o acordarei.

REVISOR — **(Deitando-se no sofá com sofreguidão)** — Eu, assim, durmo até... em cama ... de ponta de faca ... **(Depois de acomodar-se)**: Permita Deus que eu durma cem horas seguidas ... para bater o **record** do sono ... **(Adormece. Fernando continua a rever as "provas". Pausa)**.

FERNANDO — **(Encontrando êrro numa das "provas")** — Chi ... Que "gato" deixou êle passar! **(Lendo alto:)** E o senhor Getúlio Vargas, com um sorriso nos lábios, sózinho, passeava na praia com as "mães" para trás"... **(Ri e corrige)**: Mães, não, estúpido! Mãos é o que é! Imagine se isso sai no jornal! **(Pausa)**.

ROMA surge da escada, com muito medo, toda envolvida num "manteau", mostrando-se receiosa de estar sendo seguida. Não vê o Revisor. Vai tirando o "manteau" lentamente. Usa um vestido de "soirèe" suficientemente decotado.

III CENA — FERNANDO ,ROMA e REVISOR **(sonhando)**

FERNANDO — **(Lendo as "provas")** — Mais êrros! Revisor com sono é pior que mulher apaixonada: só faz tolices ...

ROMA — Boa noite, Fernando ... **(Deixou o "manteau" sôbre a mesa de Fernando)**.

FERNANDO — **(Surpreso, erguendo-se rápido)** — Oh !... Que significa isso, minha senhora ?...

ROMA — Não se exaspere, por Deus. Ha tanto tempo que não nos vemos ...

FERNANDO — Não estou me exasperando ... Estou escandalizado. E creio que com muita razão.

ROMA — Está só, não é verdade? **(Não viu o Revisor)**.

FERNANDO — **(Olhando para o Revisor)** — Sim, minha senhora. Aquele ali nem bala o acordará.

ROMA — Ainda bem. Saiu como eu queria ...

FERNANDO — Que quer a senhora ?...

ROMA — O papai contou-me o enrêdo de sua peça ...

FERNANDO — Êle não conpreendeu minha peça. Veio dar-me parabens !... Parece que o mesmo não acontece com a senhora ...

ROMA — Por que foi tão inclemente para comigo, levando para o palco as desditas de minha vida?

FERNANDO — A ciência médica utiliza-se do veneno das cobras para curar aos que elas picam. Eu ofereci à sociedade o seu próprio veneno ...

ROMA — Para envenenar a sociedade ?...

FERNANDO — Não. Para curá-la, salvo qualquer fracasso de dose ... Nem sempre a ciência é infalível.

ROMA — Vejo que o maior fracasso foi o meu em face de sua vitória sôbre a vida.

FERNANDO — Muito obrigado ...

ROMA — Mudemos de assunto. Sejamos menos profundos nas idéias ...

FERNANDO — Sejamos prudentes, minha senhora ...

ROMA — Engraçado ...

FERNANDO — Mas, afinal, a que veio aqui, sózinha, a estas horas da noite?

ROMA — Tangida pela saudade, vim para vê-lo e ouví-lo.

FERNANDO — Parece-me que está praticando um ato censurável, — na minha arcáica maneira de entender !...

ROMA — Não me recrimine, peço-lhe. Necessitava falar-lhe e não podia sair de casa senão à noite, quando todos os empregados estivessem dormindo e meu marido no clube jogando.

FERNANDO — Não enxergo as razões !... Jungida à vontade dos empregados? E' irrisório!

ROMA — Meu marido não confia em mim. Vivo prêsa e vigiada. Para ter o prazer de falar-lhe, foi necessário o uso dessa fuga noturna ...

FERNANDO — Ah !... Já nasceu a desconfiança ...

ROMA — Muita desconfiança, Fernando.

FERNANDO — Creio que nada tenho eu a ver com as injunções da intimidade do seu lar.

ROMA — Não venho falar-lhe das injunções de meu lar, mas sim de alguma cousa do nosso passado.

FERNANDO — Perdão, dona Roma! Nosso passado foi um sonho povoado de horrendos pesadelos para mim. Nosso passado morreu. Não perturbemos a paz de um túmulo que é o fundo abismo que atualmente nos separa.

ROMA — Nosso passado está em meu coração !... Ouça-me e, depois, julgue-me ...

FERNANDO — Por favor, dona Roma! Estamos na redação de um jornal, — lugar sagrado, templo das reivindicações coletivas e impróprio para assuntos dessa natureza. Acresce notar que a senhora está casada. Deve evitar que façam de mim um juizo que não mereço ... Boa noite, dona Roma.

ROMA — Você me expulsa, Fernando ?!

FERNANDO — Expulsar, propriamente, não, — porque a civilidade não mo permite e não devo nem posso fazê-lo com a esposa de um grande industrial — porém recuso atendê-la! O propósito com que veio falar-me está bastante claro ...

ROMA — Fernando, não seja grosseiro comigo ...

FERNANDO — Veja o que está fazendo, dona Roma !... A senhora se destrói a si mesma. **(As falas de Roma e Fernando dispensam marcação, porque por si dizem o que é preciso fazer).**

REVISOR — **(Sonhando)** — Grife a palavra ... **(Susto de Roma).**

FERNANDO — Está sonhando ... **(Pausa)**

ROMA — Estou construindo. Não destruindo.

REVISOR — **(Sonha)** — "Corpo" oito ... Borradinho ... **(Pausa).**

FERNANDO — Volte para sua casa. Não queira fazer-me culpado.

REVISOR — **(Sonha)** — Reticência ... **(Pausa).**

ROMA — Por que tem vivido tão afastado de mim?

FERNANDO — Sempre me afastei das senhoras casadas.

REVISOR — **(Sonha)** — "Tipo" estragado ... **(Pausa).**

ROMA — Vivo para você! Agora compreendo que já o amava antes de casar. Lutei com sentimentos vários. Mas estou muito arrependida da ingratidão que lhe fiz ...

FERNANDO — Agradeço-lhe a consideração, porém, não me interessa o seu arrependimento tardio.

ROMA — Fernando ... Seja condescendente.

FERNANDO — Condescendente ?! Que juizo faz de mim, dona Roma ?! Julga-me algum idiota ou cretino, capaz de uma loucura para satisfazer uma mulher casada que não encontrou no marido aquilo que a sua mocidade exige ?!

ROMA — Estou louca por você, Fernando !...

FERNANDO — A senhora zombou de meu desespêro. Elas por elas!

REVISOR — **(Sonha)** — Falta enérgia elétrica ... para derreter o chumbo da linotipo ...

FERNANDO — E o estúpido a sonhar tolices!

REVISOR — **(Sonha)** — Isso está riscado ... **(Pausa).**

ROMA — Mas Fernando, meu amor por você, é imortal!

FERNANDO — A senhora fala-me de amor ?! óra ... Diga-me que precisa de um homem, e eu, mesmo sem ser para a senhora, terei

comiseração. Mas, vir dizer-me que isso é amor, faz-me sentir repugnância da imbecilidade que cometi seguindo-a vários meses quando foi solteira!

REVISOR — (Sonha) — Tire segunda "prova"... (Pausa).

FERNANDO — A mulher que me declarou em rosto, altivamente, que minhas idéias eram iguais às de sua copeira, vem jurar-me amor imortal !... E quando? Por volta de duas horas e meia da manhã, na redação de meu jornal, depois de casada, depois de uma fuga criminosa!

ROMA — Basta, Fernando ...

FERNANDO — Sua ganância por dinheiro, dona Roma, ligou-a para sempre ao velho que não lhe satisfará em nada!

ROMA — Mas ...

FERNANDO — E agora, olvidando que ridicularizou um homem, cujo coração esmagou, fazendo-o sentir ódio para poder esquecê-la, vem oferendar-lhe o que jamais sentiu: amor!

ROMA —Sou toda sua, Fernando !...

FERNANDO — Amor, senhor Deus! Amor! Obrigado por êsse amor. Eu já tenho o meu, que é digno e se constitue a maior conquista de minha mocidade.

ROMA — Fernando, tenha piedade de mim ...

FERNANDO — Piedade, sim, poderei ter, porque a senhora, de fato, é digna de piedade. Mas só piedade !...

ROMA — Seu coração é impenetrável ... E' impedernido ... Oh! Fernando, abrande-o por alguns instantes. Veja a veemência dos sentimentos que explodem dentro de mim. Olhe: eu reconheço todos os seus predicados invejáveis, morais e intelectuais. Sinto-me pequenina, insignificante assim diante de você — tão alto, tão elevado no pedestal de sua comprovada dignidade ... Mas, Fernando, atente um pouco em meu desespêro. Já basta de vingança... **(Comovidíssima):** Seus êxitos espetaculares, a glória que lhe cerca, cumulando na minha desgraça, chegam bem em paga do mal que lhe causei. Meu egoismo foi caro, mas já o resgatei com altos juros ... **(Já está chorando):** Já expiei meu crime. Perdôe-me !... **(Cai de joelhos aos pés de Fernando).**

FERNANDO — **(Erguendo-a)** — Roma !... Por Deus ... Deixe-me. Volte para o lado de seu industrial ... Dou-lhe meu perdão. Bem sabe que não posso odiá-la.

ROMA — Meu industrial, sim! Meu amor, nunca !!...

FERNANDO — Eu creio. Mas volte, peço-lhe ...

ROMA — Obedecerei, Fernando ... E' um gôzo para mim acceder a um pedido seu ... Eu não vim para ficar, e muito embora o coração ordene que o faça, é mistér que eu volte para meu degrêdo. Decrêdo sim! Maldito degrêdo, onde só encontro o outro de meu marido e minhas desilusões!

FERNANDO — Não fale assim, Roma !... Isso me tortura!

ROMA — Mas eu queria ... oh! eu quero, por Deus, uma consolação antes de ir-me embora!

FERNANDO — Mas Roma ...

ROMA — E' tão pouco, Fernando ... Não o quero todo para mim. Sua inteligência ao seu jornal. Sua alma ao seu teatro. E, por direito, seu coração à sua noiva ... Mas ainda resta alguma cousa de você —: sua mocidade!

FERNANDO — Meu Deus ... Meu Deus ...

REVISOR — **(Sonha)** — O prelo escangalhou ... **(Pausa).**

ROMA — Se eu o apertasse um momento em meus braços, teria a doce ilusão de abraçar a felicidade que perdi ... Oh! Fernando, uma gatinha friorenta suplica-lhe um pouco de calor ... Salve-a dos horrores do gêlo eterno ... Que vale um abraço **(Cuidado, meu amigo ensaiador)**, se o único mal que resulta é o supremo gôzo de uma alma angustiada ?... Meu amor!... **(Desorientado, Fernando enlaça Roma e vai beijá-la, porém ,tocado pela virtude que lhe é congênita e pelo grande e puro amor que consagra a essa mulher, sente repugnância de seu gesto ainda em tempo. Domina-se. Larga Roma de chôfre e sobe).**

FERNANDO — Não! E' loucura.

ROMA — E' ventura, meu amor ...

FERNANDO — Não. Mil vezes não. Ainda me resta um pouco de conciência. **(Depois de apanhar o "manteau" sôbre sua carteira)**: Tome seu rico e valioso "manteau"... **(Põe-no sôbre os ombros de Roma)**: Vá com Deus.

ROMA — Por que não diz antes: vá com a desilusão ...

FERNANDO — No caso não houve ilusão.

ROMA — E você com quem fica no pensamento esta noite ?...

FERNANDO — Com a convicção do irremediável.

ROMA — Ingrato ...

FERNANDO — Você não pode julgar-me ... **(Transição)**: Nada direi de seu ato a terceiros, mas tudo acabou!

ROMA — Renuncia definitivamente a meu amor ?!...

FERNANDO — Renuncio a tudo que você exprime. E o seu amor é, para mim, ultraje, opróbio e decepção para o seu marido.

ROMA — **(Com ódio e nervosismo)** — Imbecil !... Pacóvio !!... Néscio !!...

FERNANDO — **(Maguado)** — Obrigado ...

ROMA — Desprezar uma mulher como eu !!...

FERNANDO — **(Com ódio e nervosismo)** — Mulheres como você está sendo eu as compro sem manchar a dignidade dos maridos !!...

ROMA — **(No auge da cólera)** — Que homem odioso !!...

FERNANDO — **(Como se estivesse a pedir perdão)** — Como você está mudada, minha pobre amiga ...

REVISOR — **(Sonha)** — Edição perdida !... **(Pausa)** .....

ROMA — **(Numa crise de chôro, junto à mesa do Revisor)** — Pois bem !... Amanhã vou amanhecer morta !...

FERNANDO — **(Rindo sem cinismo)** — Oh !... Darei uma boa noticia em meu jornal... Começarei assim: — Faleceu, hoje, vítima de insidiosa moléstia, a dedicada e virtuosíssima espôsa do senhor ... **(Gargalhada amável porque Roma está fazendo chantage com a ameaça)**: Pode morrer tranquila. A imprensa saberá cumprir seu dever filantrópico para com a sociedade ...

IV — CENA — INÁCIO, ROMA, REVISOR e FERNANDO

INÁCIO — **(Surgindo no tôpo da escala, carrancudo, como sempre trajado elegantemente, mas ainda e sempre ridículo pela voz, pela idade, pelos gestos e pelo charuto)** — Eu ouvi tudo !...

ROMA — **(Cheia de espanto e medo)** — Oh !... Meu marido !... **(Deixa-se cair sentada na cadeira junto à escrivaninha do Revisor, num estado de nervos lastimável, e ali fica a chorar de vergonha).**

REVISOR — **(Sempre a sonhar com coisas de sua profissão)** — "Corpo" doze ... Sete colunas ... Escândalo ...

INÁCIO — **(Assustando-se)** — Hein ?! Que diz êle ?...

FERNANDO — Sonha.

INÁCIO — **(A Roma)** — A senhora merecia trinta tiros na cabeça !...

ROMA — **(Aterrorizada)** — Não, não! Por Deus !...

INÁCIO — **(A Fernando)** — E eu, outros trinta, para não ser burro !...

FERNANDO — **(Muito digno)** — Antes do mais, não me julgue capaz de dar um passo para conquistar-lhe a esposa ...

REVISOR — **(Sonha)** — Emenda de foguete...

INÁCIO — Fique sossegado, meu rapaz. Você, agora, é digno de minha estima. **(Noutro tom)**: — Eu vinha com o propósito de felicitá-lo pelo seu sucesso. Vinha subindo a escada, de volta do clube, quando ouvi a voz de minha mulher. Parei estupefato! A estas horas! **(Querendo ser digno)**: Ouvi o necessário e compreendo tudo.

FERNANDO — Se o senhor compreende, não seja precipitado.

INÁCIO — **(A remoer seu eterno charuto)** — O caso é que meu tirocínio comercial, desta vez, falhou vergonhosamente !... **(Apontando Roma)**: Essa indústria não me convem ... Não me convinha!

FERNANDO — E é preciso cuidado, para não lhe advir uma falência moral.

ROMA — **(Soluçando)** — Por que me ofendem tanto !..

FERNANDO — Desculpe-me, dona Roma...

INÁCIO — Não, não, não! Não peça desculpas.

ROMA — Oh! meu Deus !...

INÁCIO — **(A Fernando, com cara de pateta)** — E agora, que hei de fazer com isto ?... **(Aponta Roma).**

REVISOR — **(Sonha)** — Desempastele a composição ...

INÁCIO — **(Danado de raiva com o Revisor)** — Bolas !...

FERNANDO — **(A Inácio)** — A sua pergunta merece uma resposta. **(Transição)**: Dê liberdade à sua espôsa !... No século vinte, ante os sucessos das reivindicações femeninas, nada vale um marido prepotente e egoista. A mulher marcha com êsse progresso vertiginoso que nos vai conduzir aos tempos da folha de parra.

INÁCIO — **(Imbecilizado)** — E'?... **(Concordando)**: — Sim !... O nudismo já vem aí.

FERNANDO — A mulher é de quem entende de ser, e não de quem quer possuí-la a ferra e fôgo!

INÁCIO — **(Empolgado com as palavras do jornalista)** — Muito bem. **(Não é o "muito bem!" de aplauso aos oradores, mas algo correspondente a "isso mesmo")**.

IMPORTANTE — A cabeça de Terencio surge no tôpo da escala e desaparece demonstrando espanto...Os de cena não viram.

FERNANDO — E a pretensa fraqueza do seu sexo ameaça vir a tornar-se um dia, talvez perto, a maior fôrça contra a vontade despótica dos homens.

INÁCIO — Coitados dos homens ...

FERNANDO — Se a sua espôsa vive apegada às exterioridades da vida, compre-lhe ,desde logo, um automóvel dos mais chiques e que um chofér de linha seja posto no **guidon** !...

INÁCIO — O automóvel, vá lá !... O chofér, isso é que não !...

FERNANDO — Leve dona Roma aos bailes, aos cinemas, aos teatros, aos cabarés elegantes! Deixe que ela se farte da vida desbragada nas altas rodas !...

ROMA — Homens !... Homens malditos !... **(Não sai de onde está)**.

FERNANDO — Não a censure por gastar muito, porque ela casou com o seu dinheiro, e dinheiro muito o senhor tem!

INÁCIO — **(Deixando o charuto cair-lhe da bôca)** — Está ouvindo, dona Roma ?... Essa é que é a verdade! A senhora casou com meu dinheiro!

FERNANDO — Não fale assim, senhor Inácio. Em vez de uma frase ríspida, um beijo na testa !... Em vez de uma repreensão, um colar de pérolas !...

INÁCIO — Mas, assim, vai-se tudo nas pérolas!

FERNANDO — Não importa. Faça-se respeitar pelo prestígio do dinheiro!... Tenha sempre em mente que o império do chiquismo vem derruindo todos os preconceitos sociais. Não basta ser imensamente rico. E' preciso ser também imensamente generoso e tolerante. Moral? Não! Modernismo !...

INÁCIO — **(Coçando a cabeça patetamente)** — Eu acho que você tem razão ...

FERNANDO — Não se afaste de sua espôsa uma só noite, porém, não fique dentro de casa a fumar o seu eterno charuto !...

INÁCIO — O charuto ?... **(Olhando o charuto no chão)**: Ah!

Sim ... Caiu no chão ... Coitadinho de meu charuto ...

FERNANDO — **(Ainda com entusiasmo vingativo)** — Por fim, conduza dona Roma a toda parte. Dos pés do confissinário à beira do abismo da corrução! E, contemplando o precipício, segurando-a pelo braço, para que ela não resvale pelo despenhadeiro, aponte-lhe as misérias do caos, dizendo-lhe carinhoso. **(Transição, fala como se estivesse êle mesmo dando um conselho sincero a Roma)**: Vês, Roma? Lá em baixo, medidas por uma só bitola, conquanto destacadas pelos trajes perante os homens, escabujam na lama, confundindo a virtude com a degenerescência, todas as mulheres que se afastaram do cumprimento do sagrado dever conjugal. Um passo mais à frente e tu, minha legítima esposa, irás viver do vício e do pecado, da mentira e do disfarce! Vem, Roma ... Consola-te comigo, porque poucos anos terei de vida. Respeita, por enquanto, agora que és minha, a nossa honra conjugal. E depois ... depois, seja o que tu quiseres !...

INÁCIO — Vou tomar o seu conselho! **(Segurando Roma pelo braço, que se ergue neste momento)**: — Venha! Vamos para a vida desbragada !... **(Dão dois passos em direção da escada. Estancam. TERÊNIO surge da escada precisamente agora).**

V CENA — TERÊNCIO, ROMA, FERNANDO, INÁCIO e REVISOR

TERÊNCIO — **(Erguendo o braço dramático)** — Não! Não avancem mais !...

ROMA **(Correndo a abraçar Terêncio)** — Papai !...

TERÊNCIO — **(Comovido, acariciando a filha)** — Sim ... Teu pai ... **(Não sabendo como justificar sua presença)**: Eu vinha ... Eu vi quando teu marido subia. **(Envergonhado)**: E ouvi sem fôrças para deixar de ouvir, o que Fernando disse nesta sala ... **(A Fernando, maguado)**: E foi você, Fernando, — você que eu considerava homem equilibrado, você que eu considerava meu amigo, — o conselheiro satânico de meu genro !...

FERNANDO — **(Sem jeito)** — Eu disse o que me ditou a conciência ... O problema não tem solução.

INÁCIO — **(Repreensivo mas sem raiva** — Não! Suas palavras cínicas foram ditadas pelo ódio e pelo despeito. Gerou-as o desêjo de vingança. Falou em você a inconciência. **(Fernando está vencido pela verdade)**.

ROMA — Perdôe-me, papaizinho ...

TERÊNCIO — **(Acabrunhado)** — Eu é que devo pedir-te perdão, minha filha ... Não te ensinei a obedecer-me, e tu te permitiste avançar de mais sem orientação paterna. Dei-te sempre carinhos. Muitos carinhos. Excesso de carinhos. E nada mais ... Sou eu quem necessita de perdão. (**Esmagado pelo sentimento de culpa)**: Perdôa, Roma ... **(Descendo ao primeiro plano, combalido, comprimindo o ros-**

to com as mãos). Os pais são sempre os culpados ... **(Abandona-se a uma cadeira)**.

INÁCIO — **(Arrogante e irritante)** — E que vai o senhor fazer agora ?!

TERÊNCIO — **(Ergue-se lentamente trágico)** — Criar corágem! Vencer minha covardia! Redimir-me da culpa! Sim. Eu sou o culpado. Mas o senhor é uma espécie de homem que devia desaparecer da sociedade! **(Inácio está entalado)**: O senhor é a velhice egoista. O senhor é a inutilidade na posse da utilidade! E' o ridículo com ares de distinção! Eu o acuso de dois crimes: o crime de não reconhecer-se a si mesmo e o delito de haver fascinado minha filha com o seu dinheiro!

INÁCIO — **(Atrapalhadissimo)** — Mas ... mas ... **(Explodindo)**: óra vá pro inferno !... Dane-se! Tenho culpa de sua filha não saber respeitar minha dignidade ?!

TERÊNCIO — Tem! Tem! O senhor é a velhice cretina que levianamente lhe sacrificou a mocidade!

INÁCIO — **(Fulo de raiva)** — Pois fique-se com sua filha! Guarde-lhe a mocidade! Eu já estou farto da sua rebeldia! Estou fartíssimo! **(Rápido, encaminha-se para a escada e, ao descer o primeiro degrau, escorrega e rola escada abaixo, com estrondo. Um gemido agudo. A quéda foi mortal. ROMA e TERÊNCIO precipitam-se em direção do gradilho, mas só o pai desce, porque a filha estancou no tôpo da escada, hororizada do que vê lá em baixo: o industrial com o crâneo fraturado. FERNANDO correu até o gradilho, porém, voltou para acordar o Revisor)**.

ROMA — **(No tôpo da escada, com horror)** — Parece que está morto !... **(Vai desmaiar)**.

FERNANDO — **(Acordando o Revisor)** — Acorde, rapaz! Acorde! **(Revisor abre os olhos assustado)**: Depressa! Telefone para a Assistência! **(Desce a escada correndo em auxílio de Inácio. E' nesta ocasião que ROMA, não podendo mais resistir a tanto abalos morais, cai desmaiada)**.

REVISOR — **(Dominado pelo sono)** — Vou telefonar ... **(Fica a discar no ar um telefone imaginário ..Tudo isso é feito com rapidez)**.

CORTINA

Fim do primeiro quadro

QUADRO SEGUNDO (ÚLTIMO)

CENÁRIO

O mesmo cenário do quadro anterior. Obrigatoriamente é dia. O calendário marca exatamente um ano depois. Certos objetos de sôbre as mesas mudaram de posição. Não ha "provas" sôbre a escrivaninha do Revisor. Não ha luz no abat-jour do tecto nem nos quebra-luz das carteiras ... SINCRONIZAÇÃO forte. O mesmo disco que abriu a peça — "Sonho de amor". Descerra-se então a cortina.

I CENA — FERNANDO só

FERNANDO — **(Está sentado à carteira. Seu aspecto é de um homem profundamente angustiado. Vejam bem: aspecto de um homem profundamente angustiado! Tem a cabeça apoiada na mão esquerda e o cotovelo repousa sôbre a mesa. Fita o tinteiro à sua frente. Com a mão direita segura a caneta, com o bico da pena para cima, dando com ela pancadas alternadas sôbre a carteira. Seu pensamento está longe dalí ... Pausa. Ergue-se. Olha para o calendário fixamente. Vai ao janelão do F. e contempla o panorama que se descortina. Volta-se. Acende um cigarro. Solta algumas baforadas. Aborrece o cigarro e o esmaga no cinzeiro sôbre sua carteira. Senta-se novamente à carteira, esfregando o rosto com as mãos impacientemente. A Sincronização deve estar terminando ou ficando pianíssima até findar. Neste momento surge TERÊNCIO no tôpo da escada, acentuadamente triste. Notem bem: acentuadamente triste!)**

II CENA — FERNANDO e TERÊNCIO

TERÊNCIO — **(Pondo o chapéu sôbre o primeiro móvel à mão)** — Não pense tanto, meu rapaz ...

FERNANDO — **(Ligeiramente surpreendido)** — Oh! é você? **(O tratamento de "Você" não é engano aqui).**

TERÊNCIO — Incomódo-o?

FERNANDO — Não! Alenta-me. Eu precisava mesmo de alguém para conversar. E você, meu velho e generoso amigo, está condenado a ser, por toda a vida, ainda mesmo contra a sua vontade, o refúgio bendito das amarguras que rumino em silêncio ...

TERÊNCIO — Você bem sabe que eu o prezo acima de tudo.

FERNANDO — Sim, meu bom amigo. Acima de tudo! E êste seu **tudo** é de fato meu **tudo**... Jamais surpreendi no seu olhar qualquer reflexo denunciador. Ao contrário! Vejo sempre um olhar de amparo. Um olhar de confôrto. Um olhar de pai. **(Meio revoltado)**: Ah! como a vida é cheia de contrastes!...

TERÊNCIO — Vamos ... Deixe-se de tristezas. Olhe que eu tenho razões para andar vergado ao pêso das máguas, e no entanto, velho e cansado, vou indo cheio de ânimo. **(Indo sentar-se no sofá à frente da carteira de Fernando)**: Não perco a esperança de alcançar uma recompensa da vida ...

FERNANDO — Eu o admiro por isso. Mas, o sofrimento que lhe dilacera o coração não tem o sabor asfixiante do sofrimento que nasceu das ruinas de um castelo de sonhos da mocidade. Sim, meu velho! Estão desabando, um por um, todos os monumentos construidos pelo meu espírito. Meu mundo íntimo é uma Jerusalem maldita!

TERÊNCIO — Sente-se aqui ... **(Fernando senta-se no sofá ao seu lado)**: Alguém que eu conheça de perto tem culpa dêsse vácuo em que você vive?... **(Falou num tom paternal, pois já nutre pelo Fernando um amor de pai)**.

FERNANDO — **(Com indecisão)** — Tenho medo de responder-lhe...

TERÊNCIO — **(Esboçando um riso de contentamento)** — Não ha necessidade de melhor resposta !... **(Ergue-se. Sobe pela esquerda da carteira de Fernando, indo até o janelão, descendo pela direita dêsse móvel. E numa resolução)**: Tem visto sua ex-noiva ?...

FERNANDO — Para que falarmos da coitadinha? **(Noutro tom)**: Abandonei-a quando ela já sonhava com um lar. Não a vi mais. Foi muito inteligente. Compreendeu que eu não a amava Era simples capricho, que eu mesmo não pude perceber antes do exame que ousei fazer sôbre mim mesmo.

TERÊNCIO — O pai é que não lhe poupa a reputação.

FERNANDO — **(Erguendo-se)** — Não importa. Êle está no seu direito. E' partícula de uma casta de homens que desatende às razões do coração. **(Exaltando-se)**: Mas que quer? Algo revolveu meu sêr, transformou meus sentimentos! E eu já não sei se sou o Fernando do passado ou o Fernando do futuro! Só sei que sofro muito.

TERÊNCIO — **(Amável, fingindo ignorar a causa do sofrimento de Fernando)** — E por que êsse extranho sofrimento ?...

FERNANDO — **(Mentindo)** — Não sei ... **(Noutro tom, cheio de angústias)**: Sinto vontade de odiar, mas não encontro o objeto de meu ódio. Quero desprezar alguma cousa, mas essa cousa não existe. Olho friamente o abismo da morte, e só descubro o desêjo de viver. Quero amar, mas todas as formas que meus olhos contemplam são aleijões bamboleantes. **(Mais forte)**: Cubiço perder o senso, quero enloquecer, mas o raciocínio arrasta-me impiedosamente pelas ruas das conclusões martirizantes! E como corolário dêsse inferno, projeta-se-me na mente, o espetáculo doloroso de um homem rolando por aquela escada!... Que morte horrivel! **(Sobe até o janelão)**.

TERÊNCIO — **(Indo a Fernando)** — Por Deus! Você não tem culpa alguma a expiar.

FERNANDO — **(Sentando-se à sua carteira)** — Um ano, meu amigo, e parece que o pobre homem morreu ontem!

TERÊNCIO — Procure esquecer, meu amigo, o lado trágico dêsse drama vivido por mim, por você e minha filha.

FERNANDO — **(Olhar fixo num ponto à sua frente)** — Esquecer !... Impossível. Ninguem esquece. Consegue-se, quando muito, recalcar pensamentos, para depois carpir o horror das neuroses. **(Noutro tom, sem abstração)**: Não posso esquecer o lado trágico do nosso drama, porque êle não tem uma só face que não seja trágica!

TERÊNCIO — Minha pobre filha também nada esquece ... **(Feriu o ponto delicado. Fernando mostra-se inquieto e sobe, ficando de costas)**: Fala-me sempre de sua peça, para lembrar que tudo aconteceu conforme você fantasiou. **(Descendo triste ao primeiro plano)**: Tenho a impressão de que ela vive da lembrança de alguma fase do passado, talvez a única fase lógica de sua vida. **(Pausa)**.

FERNANDO — **(De onde está, de costas, voz trêmula)** — Fale-me de Roma ... **(Cuidado com esta fala. Todo cuidado!)**

TERÊNCIO — **(Numa resolução, sobe rápido, pára atrás de Fernando, põe-lhe a mão sôbre o ombro e diz paternalmente)**: — Meu filho. Diga-me com sinceridade, responda-me com pureza dalma, não minta ao seu velho amigo: você ainda ama minha filha?!

FERNANDO — **(Volta-se. Encara o amigo. Desafoga o coração)** — Ainda! Ainda e sempre!

TERÊNCIO — **(Numa alegria incontida)** — Eu tinha certeza disso !...

FERNANDO — E ela, meu amigo? E ela?!

TERÊNCIO — Subi de volta de uma visita que fiz com ela. Roma não quis subir. Não teve coragem. Mas está lá em baixo esperando-me...

FERNANDO — Chame-a !... Chame-a, por Deus !...

TERÊNCIO — Um instante. **(Dirige-se ao gradilho da escada e fala alto para baixo, frisando a palavra "suba"**, — Suba, Roma! Fernando pede que você suba !...

(O momento é de ansiedade intensa. Fernando, imóvel, comovido, tem os olhos fitos no gradilho. Terêncio colocou-se junto à escrivaninha do Revisor, de perfil. Pausa).

III CENA — OS MESMOS e ROMA

ROMA — **(A encantadora viuva, surge no tôpo da escada. Anseia. Dá alguns passos em direção de Fernando, fitando-o com um lindo sorriso nos lábios. Pára. Vai pronunciar uma frase, mas consegue dizer apenas)** — Eu ...

FERNANDO — **(Num grito de júbilo)** — Roma !... **(Fundem as almas num grande abraço)**.

TERÊNCIO — Obrigado, meu Deus! **(Sincronização forte" — "Sonho de amor")**.

P A N O

Final da peça.

OBRAS
do mesmo autor:

PUBLICADAS
E ENCENADAS
EM MANAUS.

RUMO AO CABARET, 3 atos;

EXPLORADOR DE MULHERES, 3 atos;

CULPA DOS PAIS, 3 atos em 6 quadros;

ENCENADAS:

SUBLIME INFERNO, 3 atos (Manaus)

TÉDIO DE NOIVOS, 1 ato (Fortaleza)

DESMAIOS DO LULÚ, 1 ato (Fortaleza)

O SACA-ROLHA, 1 ato (Fortaleza)

SEU SIMPLIÇO, 1 ato (Fortaleza)

PAI PEDRO (melodrama) 3 atos e 1 quadro (Fortaleza)

A DITA DO CEARÁ, 1 quadro em versos, musicado, alusivo ao flagelo climatérico (Fortaleza).

INÉDITAS:

CARNAVAL DOS INSTINTOS, 3 atos

A CASA DO PROFESSOR, 2 atos.

D. E. I. P. — Manaus — 1944

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato

E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de
Cultura